

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

**Amar e despir: a gestão de relações
românticas por mulheres que
desempenham striptease**
Natacha Filipa Stanislau Santos

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**AMAR E DESPIR: A GESTÃO DE RELAÇÕES ROMÂNTICAS POR MULHERES QUE
DESEMPENHAM STRIPTEASE**

Natacha Filipa Stanislau Santos

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Alexandra Oliveira (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Alexandra Oliveira pela orientação durante todo o processo e por não ter desistido desta investigação, mesmo quando parecia impossível de concretizar. Foi, sem dúvida, a forma entusiasmante como leciona que me levou a escolher esta temática para a dissertação.

A todos os professores que preencheram o meu percurso universitário com os alicerces que me permitiram chegar a este momento e que serão fundamentais para construir o meu futuro profissional.

A todas as participantes, que tornaram possível a realização deste estudo. Isto é para e por vocês. Um passo, que ainda que pequeno, espero que possa contribuir para que o mundo ouça a vossa voz.

Ao proprietário do clube de striptease, que abriu as portas do seu estabelecimento ao avanço da investigação científica, e aos conhecimentos pessoais comuns, que possibilitaram aceder às participantes.

À professora Rosa e à professora Lurdes, pela ajuda com a tradução.

Às amigas que me acompanharam neste percurso, às que estão presentes desde o primeiro dia e às que se foram juntando ao longo do caminho. Foi tudo o que partilhamos, desde os apontamentos até às histórias e risos, que tornou esta aventura memorável. Um agradecimento especial à Ana, com quem, muito mais do que apenas dados para as dissertações, dividi as angústias e receios, mas também as pequenas vitórias.

Aos meus amigos de sempre, que já nem estranham quando inicio aleatoriamente reflexões sobre assuntos como o estigma à mesa do café.

Aos meus familiares, que me motivaram desde a primeira palavra escrita nesta dissertação, dizendo que já estava quase a acabar, quando na realidade ainda faltava tanto.

Ao meu parceiro, pelo apoio e por acreditar que sou capaz de alcançar tudo a que me proponho.

À minha Alpha, por ser a minha âncora nos momentos de tempestade.

Por fim, mas mais importante, aos meus pais. À minha Mãe, que é a minha base segura de exploração. Ao meu Pai, que me ensinou que podemos sempre pintar o nosso próprio arco-íris. Espero que estejas orgulhoso de mim.

Resumo

As mulheres que desempenham striptease, enquanto trabalhadoras do sexo, enfrentam o estigma associado à sua profissão, cujo impacto afeta a esfera privada das suas vidas. Neste âmbito, o presente estudo pretende explorar a gestão de relações românticas por parte dessas mulheres. Face ao surgimento da Covid-19, acresce ainda o objetivo de analisar as repercussões desta pandemia na vida e no trabalho destas mulheres. Optou-se por uma abordagem fenomenológica baseada em metodologia qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas para aceder às experiências individuais de nove mulheres stripteasers. Os dados foram sujeitos a uma Análise Fenomenológica Interpretativa, da qual resultaram quatro temas superordenados: Estigma, Separação da Vida Profissional e Privada, Striptease e Relações Românticas e Impacto da Pandemia de Covid-19. Conclui-se que existe consciência do estigma experienciado e a necessidade, quase generalizada, de efetuar uma separação da vida profissional e privada. Verificou-se que não existe consenso relativamente à compatibilidade do desempenho de striptease e permanência em relações românticas. Estratégias de seleção de parceiros íntimos podem ser adotadas para facilitar a gestão das exigências relacionais e laborais, no entanto, mesmo com a aplicação destas estratégias, apesar de alguns relatos de relações bem-sucedidas, os parceiros podem demonstrar atitudes ciumentas e possessivas, que, em alguns casos, culminam em violência. Confirmou-se que as consequências da pandemia são sentidas sobretudo ao nível laboral, com a perda de rendimentos. Espera-se que este estudo contribua para a humanização das pessoas que exercem trabalho sexual aos olhos da comunidade científica e da sociedade, enfatizando a relevância de escutar as perspetivas das próprias sobre os fenómenos que vivenciam.

Palavras-chave: Striptease, relações românticas, parceiros íntimos, estigma, Covid-19

Abstract

Women who perform striptease, whilst working as sex workers, face the stigma associated to their profession which in turn affects their private lives. In this context, the present study intends to examine the romantic relations' management of these women. In light of the emergence of Covid-19, it is considered especially important to analyse the repercussions of this pandemic in the life and work of these women. A phenomenological approach, based on a qualitative methodology was chosen, with the use of semi-structured interviews aiming to access the individual experiences of the nine women stripteesers. The data was subjected to an Interpretative Phenomenological Analysis which resulted in four superordinate topics: Stigma, Separation of Professional and Personal Life, Striptease and Romantic Relations, and Impact of the Covid-19 Pandemic. It was concluded that there is awareness of the stigma experienced and the need, almost generalized, to separate professional from private lives. It was verified that no consensus exists when considering compatibility of striptease performance and maintenance in romantic relationships. Intimate partner selection strategies can be adopted to enable relational and labour requirements management, however, even with the implementation of these strategies, despite some accounts of well succeeded relationships, partners may show jealous and possessive attitudes, which, in some cases, culminate in violence. It was confirmed that the consequences of the pandemic are felt especially at a professional level, with the loss of income. The purpose of this study is to contribute to the humanization of sex workers, in the eyes of the scientific community and society, emphasizing the importance of listening to their perspectives on the phenomena they experience.

Key words: Striptease, romantic relationships, intimate partners, stigma, Covid-19

Résumé

Les femmes du strip-tease, en tant que travailleuses du sexe, subissent le stigmatisme associé à leur profession et l'impact affecte leur vie privée. Dans ce contexte, cette étude prétend approfondir la gestion des relations romantiques que font ces femmes. En plus, dû à la Covid-19, il est aussi indispensable d'analyser les répercussions de cette pandémie dans la vie et la profession de ces femmes. On a choisi un abordage phénoménologique basé sur une méthodologie qualitative, ayant comme ressources des entrevues semi-structurées pour accéder aux expériences individuelles de neuf femmes strip-teaseuses. Les données ont été soumises à une Analyse Phénoménologique Interprétative, de laquelle ont émergé quatre thèmes superordonnés: Stigmatisme, Séparation de la Vie Professionnelle et Privée, Strip-tease et Relations Romantiques et Impact de la Covid-19. On conclut qu'il y a une prise de conscience du stigmatisme éprouvé et le besoin, presque généralisé, d'effectuer une séparation entre la vie professionnelle et la vie privée. On a vérifié qu'il n'y a pas de consensus relativement à la compatibilité entre la performance de stripteuse et la permanence dans les relations romantiques. Des stratégies de sélection de partenaires intimes peuvent être adoptées pour faciliter la gestion des exigences relationnelles et celles de la vie professionnelle, cependant, même avec l'application de ces stratégies, malgré quelques témoignages de relations de succès, les partenaires peuvent démontrer des attitudes possessives ou de jalousie qui, dans certains cas, finissent en violence. On a réussi à prouver que les conséquences de la pandémie se manifestent surtout au niveau laboral, avec la perte de revenus. On espère que cette étude contribue à l'humanisation des personnes qui exercent du travail sexuel au regard de la communauté scientifique et de la société en général, soulignant l'importance d'écouter les perspectives de ces personnes sur les phénomènes qu'elles ont vécus.

Mots-clés: Strip-tease, relations romantiques, partenaires intimes, stigmatisme, Covid-19

Índice

1. Introdução.....	1
2. Revisão da literatura	3
2.1. Trabalhadoras do sexo	3
2.1.1. Estigma	3
2.1.2. Violência.....	4
2.1.3. Estratégias de separação entre o trabalho sexual e a vida privada	5
2.1.4. Impacto do trabalho sexual nas relações românticas.....	7
2.2. Stripteasers	9
2.2.1. Estigma	9
2.2.2. Violência.....	10
2.2.3. Impacto do striptease nas relações românticas	11
2.3. Impacto da pandemia de Covid-19.....	13
3. Metodologia.....	14
3.1. Objeto e objetivo	14
3.2. Método.....	14
3.2.1. Instrumento.....	15
3.2.2. Procedimentos de recolha de dados.....	16
3.2.3. Participantes	17
3.2.4. Procedimentos de análise de dados	18
4. Análise e discussão dos resultados	20
4.1. Estigma	20
4.2. Separação da vida profissional e privada	21
4.3. Striptease e relações românticas	23
4.4. Impacto da pandemia de Covid-19.....	30

5. Conclusões e considerações finais.....	32
Referências bibliográficas	35
Anexos.....	40
Anexo A – Guião das entrevistas semiestruturadas	40
Anexo B – Tabela contendo a totalidade dos temas identificados nas entrevistas.....	46

1. Introdução

As mulheres que realizam trabalho sexual, inclusivamente as que desempenham striptease, podem ser alvo de estigma (Bradley, 2007). Esse estigma pode afetar as suas relações íntimas (Bahri, 2019; Bradley, 2007), pelo que as stripteasers podem sentir necessidade de empregar estratégias de gestão do estigma aquando do envolvimento em relacionamentos românticos (Bahri, 2019). Mesmo assim, essas estratégias não garantem a sua imunização relativamente à possibilidade de sofrerem violência perpetrada por parceiros íntimos, sendo que, para as mulheres que trabalham no meio do striptease, a violência de que são vítimas, incluindo a perpetrada por parceiros, está fortemente interligada com o estigma associado ao sexo comercial (Bahri, 2019).

O impacto do striptease nos relacionamentos românticos das mulheres que o exercem relaciona-se com o facto de a sua atividade profissional violar as expectativas de fidelidade e exclusividade sexual associadas às relações convencionais (Bahri, 2019; Bradley, 2007). Como tal, a simultaneidade do exercício de striptease com a permanência em relações íntimas gera desafios na gestão entre as exigências da profissão e as expectativas dos parceiros românticos (Bradley, 2007).

Deste modo, a presente dissertação de mestrado pretende explorar a gestão de relações românticas por mulheres que desempenham striptease, tendo sido definidos os seguintes objetivos específicos: 1. Compreender a perceção das participantes relativamente ao estigma face ao striptease; 2. Averiguar a existência de estratégias de separação da vida profissional e da vida privada; 3. Perceber a conceção das mulheres stripteasers sobre a simultaneidade de relações românticas e desempenho do striptease; 4. Explorar o impacto do striptease nas relações românticas; 5. Investigar a violência perpetrada por parceiros; e 6. Analisar o impacto da atual pandemia de Covid-19. A opção por uma abordagem fenomenológica baseada em metodologia qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas, permite captar as perspetivas destas mulheres relativamente aos fenómenos que as próprias vivenciam, dando-lhes voz enquanto população estigmatizada, com o intuito de as empoderar ao possibilitar que partilhem as suas experiências individuais.

Considerou-se pertinente a realização deste estudo, por colmatar a carência de literatura científica, desenvolvida em contexto português, relativa à gestão desta vertente das suas vidas privadas por mulheres que executam striptease.

A estrutura da dissertação está organizada em quatro partes, alusivas às diferentes fases da investigação. Na revisão da literatura, enquadra-se informação científica previamente existente sobre a problemática em investigação. Na metodologia, efetua-se a explicitação dos objetivos e das opções metodológicas, a descrição dos procedimentos de recolha e análise de dados e a caracterização da amostra de participantes. Na análise e discussão dos resultados, os dados obtidos são explanados e comparados com a literatura científica prévia. Por fim, nas conclusões e considerações finais, procede-se à reflexão acerca dos resultados, assim como das potencialidades e limitações do estudo e conjeturam-se possibilidades futuras de investigação.

2. Revisão da literatura

2.1. Trabalhadoras do sexo

2.1.1. Estigma

Segundo Goffman (1970), as pessoas são categorizadas consoante os seus atributos pessoais e estruturais (incluindo a profissão que desempenham), sendo construída a sua identidade social. O referido autor encara o estigma como um atributo depreciativo, em torno do qual a identidade do indivíduo é socialmente construída. O estigma, enquanto sentimento negativo dos grupos dominantes da sociedade face aos grupos dominados (que acabam por o interiorizar), tem implícita a perda de estatuto social (Oliveira, 2008).

O designado estigma de *puta*, que consiste na estigmatização generalizada das diferentes trabalhadoras do sexo, não pode ser apreendido de forma isolada, tendo de ser compreendido sociologicamente, uma vez que as relações de estigma estabelecidas num determinado contexto devem ser entendidas como parte integrante de uma conexão de estruturas ou relações sociais, que têm um papel causal variável na formação do estigma sobre o trabalho sexual (Cornish, 2006; Scrambler, 2007). Existe a possibilidade de as trabalhadoras do sexo serem alvo de práticas de exclusão e marginalização, práticas essas que podem ser associadas ao estigma (Ribeiro & Sacramento, 2005), dado que as trabalhadoras do sexo são vítimas coletivas de ações e reações negativas provenientes da sociedade, sendo estes atos simbólicos da rejeição do outro desviante que não se enquadra na norma moral dominante (Oliveira, 2008). De acordo com Cornish (2006), este estigma afeta as suas relações familiares (inclusivamente refletindo-se na estigmatização dos seus filhos), dificulta a possibilidade de arrendamento de imóveis e repercute-se na conceção das profissionais como disponíveis para a exploração sexual. Todavia, a mesma autora sublinha que o referido estigma é, igualmente, internalizado pelas trabalhadoras do sexo, o que pode ser demonstrado através do modo como estas mulheres tendem a referir-se a si próprias. Assim, as trabalhadoras do sexo são condicionadas pelas dinâmicas estigmatizantes a que estão sujeitas, levando a que internalizem o estigma, que podem sentir como sendo um rótulo visível possuidor de um equivalente externo que as identifica (Oliveira, 2008). A consciência que apresentam de serem alvo de estigmatização é evidenciada, nomeadamente, através da perceção de lhes ser socialmente atribuída culpa, vergonha e condenação pelo papel que

desempenham no comércio do sexo, o que conduz a que não estejam dispostas a revelar a sua profissão a familiares e amigos, face ao medo de serem rejeitadas e julgadas, culminando na sua autodescrição recorrendo a estereótipos internalizados (Fick, 2005; Scrambler, 2007). A acrescer, esta estigmatização do envolvimento no trabalho sexual afigura-se como notavelmente laboriosa de suprimir (Cornish, 2006).

Em virtude do estigma e da própria natureza do trabalho, concebe-se como provável que os problemas, comuns a casais que desempenhem outras profissões, sejam amplificados nas relações íntimas de trabalhadoras do sexo, constituindo o estigma, deste modo, uma barreira a essas relações, sendo que os problemas mencionados decorrerem, frequentemente, da falta de compreensão demonstrada pelos parceiros íntimos face ao meio do sexo comercial (Belhouse, Crebbin, Fairley, & Bilardi, 2015). Consequentemente, por conta do estigma associado a este meio, a gestão das relações íntimas revela-se dificultada, quer o parceiro esteja ou não ciente da sua profissão (Fick, 2005).

2.1.2. Violência

A população de mulheres que efetua trabalho sexual, embora revele uma elevada taxa de experiencição de violência (tanto física, como sexual), evidencia-se como um grupo sub-representado nos estudos elaborados para avaliar a violência perpetrada por parceiros íntimos (Decker, Pearson, Illangasekare, Clark, & Sherman, 2013). A violência perpetrada por parceiros contra mulheres, não necessariamente trabalhadoras do sexo, pode ser definida como incluindo um conjunto de comportamentos abusivos perpetrados por alguém que está ou esteve envolvido numa relação íntima com a vítima (Nelson, Bougatsos, & Blazina, 2012).

Não obstante a referida sub-representação, alguns estudos procuram estimar a violência vivenciada por trabalhadoras do sexo nas suas relações românticas. Deste modo, no contexto de atuação da Sex Worker Education and Advocacy Taskforce (SWEAT), na África do Sul, Fick (2005) elaborou um estudo no qual um terço (seis participantes) da amostra (predominantemente composta por trabalhadoras do sexo mulheres) reportou experienciar recorrentemente ou ter experienciado no passado violência por parte dos seus parceiros íntimos e, embora algumas participantes tenham indicado que a causa das agressões não foi o trabalho sexual, em certos casos, a descoberta ou conhecimento da sua profissão foram apontados como os desencadeadores da violência. Outro estudo realizado por Argento et al. (2014), na cidade de Vancouver (Canadá), reporta que cerca de um quinto (21.5%) da sua amostra de 387 participantes, composta por trabalhadoras do sexo de rua e

de interior, havia experienciado, nos seis meses antecedentes, violência física e/ou sexual, moderada ou severa, perpetrada por parceiros íntimos. De forma convergente com os resultados anteriormente descritos, um estudo elaborado na mesma cidade por Muldoon, Deering, Feng, Shoveller, e Shannon (2015), com trabalhadoras do sexo cis e trans, evidenciou que 32.7% (84 participantes) das profissionais com relacionamentos românticos da amostra reportava ter vivenciado violência perpetrada por parceiros íntimos nos seis meses antecedentes. No referido estudo foi especificado, para além da prevalência de diferentes tipos de violência, nomeadamente violência emocional (29.1%), violência física moderada (21.4%), violência física severa (18.2%) e violência sexual (8.2%), o contexto de trabalho das mulheres que experienciaram a violência, sendo que cerca de metade (47.9%) das profissionais exercia o trabalho sexual em contexto de interior. As estatísticas apresentadas enfatizam a existência de um conjunto significativo de trabalhadoras do sexo a constituir um alvo para a violência perpetrada por parceiros românticos.

O envolvimento no trabalho sexual é, segundo Decker et al. (2013), frequentemente, evocado como propulsor e justificação para o abuso, especialmente no momento de descoberta ou confirmação desse envolvimento, mesmo quando esse trabalho havia sido tacitamente aceite. As mesmas autoras destacam que, a adicionar a esta significativa taxa de violência face a trabalhadoras do sexo, os meios disponibilizados para a proteção e apoio das profissionais que são vítimas de violência por parte dos seus parceiros íntimos são limitados.

2.1.3. Estratégias de separação entre o trabalho sexual e a vida privada

Por forma a lidar com as dificuldades inerentes à distinção entre as relações sexuais praticadas com clientes e com os parceiros íntimos, as trabalhadoras do sexo, geralmente, adotam estratégias que facilitem a separação das suas vidas profissionais e pessoais, mantendo essas duas esferas distanciadas, de modo a gerirem as tensões entre o trabalho sexual e as relações íntimas (Belhouse et al., 2015; Warr & Pyett, 1999). Estas estratégias incluem usar preservativo nas relações sexuais com os clientes, mas não com os parceiros íntimos, não passar tempo a socializar com colegas trabalhadores do sexo fora do horário laboral, fazer pausas regulares do trabalho sexual, evitar estabelecer relações emocionais com clientes e criar uma identidade a utilizar no âmbito do desempenho profissional (Belhouse et al., 2015).

Uma vez que a intimidade percebida é considerada o preditor mais forte do não uso de preservativo (Murray et al., 2007), a probabilidade de as trabalhadoras do sexo o usarem

com parceiros íntimos é menor do que com clientes, dado que a sua ausência espelha a confiança existente na relação com os parceiros (Belhouse et al., 2015). Em contraste, o preservativo é utilizado, frequentemente, no contexto do sexo comercial, com o intuito de produzir uma experiência não íntima, representando uma barreira física, emocional e psicológica entre si e os clientes (Belhouse et al., 2015; Sanders, 2005; Warr & Pyett, 1999). Deste modo, muitas mulheres consideram que a diferenciação no uso de preservativo lhes permite experienciar de formas distintas as relações sexuais no âmbito profissional e pessoal, pois o preservativo tem simbolicamente uma forte associação com o seu trabalho, pelo que a sua utilização na sexualidade privada interfere com a capacidade de experienciar intimidade com os parceiros românticos (Warr & Pyett, 1999). Assim, o preservativo funciona como uma barreira que separa o trabalho sexual e a vida privada (Belhouse et al., 2015).

Algumas profissionais, para separarem o mundo profissional do pessoal, utilizam a estratégia de criar uma identidade/persona especificamente para o desempenho do seu trabalho, recorrendo a um pseudónimo em lugar do seu nome real (Belhouse et al., 2015; Sanders, 2005). Esta criação pode ter diversas motivações, como quererem evitar que os clientes obtenham conhecimento de detalhes da sua vida privada, dificultar a descoberta da sua profissão por parte de familiares e amigos e/ou evitar associações ao estigma inerente ao comércio sexual (Sanders, 2005). A transição entre as identidades envolve determinados rituais relacionados com a alteração do vestuário, maquilhagem e comportamento (Belhouse et al., 2015; Fick, 2005; Sanders, 2005; Wolffers et al., 1999).

Para demarcar esta separação das esferas profissional e privada, as trabalhadoras do sexo procuram manter o distanciamento emocional dos clientes (em contraste com as relações pessoais), podendo este incluir a limitação do acesso dos clientes a determinadas zonas do corpo ou a certos atos sexuais, como, por exemplo, a recusa em beijar os mesmos (Sanders, 2004; Wolffers et al., 1999).

Embora estas estratégias permitam que algumas trabalhadoras do sexo desenvolvam a capacidade de ligar e desligar do modo de trabalho para o modo pessoal (Warr & Pyett, 1999), esta gestão das exigências profissionais e pessoais pode ser experienciada como difícil, podendo ser mais acessível para algumas mulheres do que para outras (Belhouse et al., 2015). As estratégias, encetadas com o objetivo de erguer barreiras entre os mundos profissional e pessoal, podem conduzir a sentimentos de isolamento, que poderiam ser, em parte, aliviados, caso pudessem falar abertamente sobre o seu trabalho no seio das suas relações de intimidade, o que não é possível quando os seus parceiros não são apoiantes e

compreensivos em relação à sua atividade profissional (Belhouse et al., 2015; Fick, 2005; Warr & Pyett, 1999).

2.1.4. Impacto do trabalho sexual nas relações românticas

Um estudo realizado por Belhouse et al. (2015), com uma amostra de 55 trabalhadoras do sexo de interior em Melbourne (Austrália), aponta razões para que 77% das mulheres sem relacionamentos românticos da amostra (mais de 50%) tenham optado por permanecer sem essas relações íntimas em virtude da natureza da sua atividade profissional, uma vez que não concebiam a possibilidade de existência (do que consideravam ser) uma relação saudável nestas circunstâncias. As referidas razões incluem o desconforto (que as profissionais sentiriam na simultaneidade de desempenharem trabalho sexual e estarem numa relação romântica ou que consideram que os parceiros sentiriam face à suas profissões, mas por outro lado o não quererem ter como parceiros indivíduos que estivessem confortáveis com facto de elas estarem envolvidas em sexo comercial), a desonestidade (que sentem ter de manter face às pessoas que integram a suas vidas relativamente à natureza do trabalho que desempenham e que referem não querer ter de estender aos seus potenciais parceiros românticos, sendo que consideram que estes não iriam ser compreensivos face à suas profissões em virtude do estigma associado ao trabalho sexual) e, por fim, a desconfiança (desenvolvida através de possíveis vitimizações físicas ou sexuais, decorrentes da exposição gerada pela performance de trabalho sexual).

Explicitando algumas das referidas questões relacionadas com o impacto negativo nas relações de intimidade, tanto Belhouse et al. (2015) como Warr e Pyett (1999) indicam que a desonestidade, a desconfiança e o sentimento de culpa se relacionam com a possibilidade de as trabalhadoras do sexo não revelarem ou mentirem aos seus parceiros relativamente à sua profissão. No entanto, segundo estes autores, quando os parceiros têm conhecimento da sua atividade profissional, podem apresentar ciúmes face à sua natureza e, em virtude do estigma associado ao sexo comercial, ter dificuldades em prestar apoio e compreensão à companheira, podendo mesmo haver falta de respeito pelo seu envolvimento no trabalho sexual. O mesmo conjunto de autores salienta, ainda, que alguns aspetos pragmáticos podem conduzir, igualmente, a ressentimento por parte dos parceiros, tal como a possibilidade de a mulher, após o trabalho, não demonstrar vontade de ter relações sexuais, que pode ser interpretada como sendo falta de desejo sexual resultante de satisfação sexual no trabalho.

Deste modo, o envolvimento no trabalho sexual pode estar associado a dificuldades nos relacionamentos românticos, que afetam a capacidade de o casal vivenciar a sua intimidade, sendo que, frequentemente, essas relações fracassam devido à incapacidade dos parceiros conceberem a separação da vida sexual privada e laboral das mulheres (Sanders, 2004; Warr & Pyett, 1999). Congruentemente, para algumas das trabalhadoras do sexo participantes num estudo de Warr e Pyett (1999), o desempenho da sua profissão, em consequência da sua natureza, nomeadamente devido à impossibilidade de exclusividade sexual, não é compatível com o estabelecimento de relações íntimas, dado que a permanência numa relação romântica coloca exigências que elas não podem cumprir, o que leva a que tomem a decisão de deliberadamente se absterem de ter parceiros românticos e, inclusivamente, a que algumas não encontrem alternativa que não seja terminar as relações que mantêm, face à discordância das exigências do trabalho sexual e das expectativas dos seus parceiros.

O facto de o seu trabalho implicar a violação das expectativas das relações íntimas convencionais (nomeadamente no respeitante à exclusividade sexual) e das normas sociais de género constitui, assim, uma provação para as relações românticas de trabalhadoras do sexo, uma vez que os serviços proporcionados pelas mesmas consistem em práticas moldadas pelos ideais de intimidade heterossexual (Belhouse et al., 2015; Warr & Pyett, 1999).

Ainda assim, para algumas participantes do supramencionado estudo de Warr e Pyett (1999), a simultaneidade do desempenho de trabalho sexual e a vivência de relações íntimas não é inexecutável (embora estas relações não cumpram os ideais de confiança e exclusividade que desejavam), uma vez que consideram os seus parceiros apoiantes e compreensivos e, assim, expressam entusiasmo e otimismo face ao romance. De forma convergente, uma minoria de participantes da, anteriormente referida, investigação desenvolvida por Belhouse et al. (2015) salienta a existência de um impacto positivo do trabalho sexual nas suas relações íntimas, nomeadamente a melhoria da vida sexual, níveis mais elevados de intimidade com os seus parceiros e o aumento da sua autoestima e confiança. Este conjunto de autores refere que quando existe tendência a ter uma perceção mais holística do trabalho sexual e os parceiros são apoiantes e compreensivos face à natureza das suas atividades profissionais, as mulheres tendem a sentir menos necessidade de separar rigidamente o mundo profissional do privado, havendo maior abertura para discutir o trabalho com os parceiros íntimos, o que tem um impacto positivo nas suas relações e vida pessoal em geral e as leva a reportar experiências mais positivas relativamente ao

impacto do trabalho sexual nas suas relações românticas. Algumas trabalhadoras do sexo participantes na referida investigação consideram que a compreensão face à sua profissão será maior caso os seus parceiros sejam antigos clientes, visto que, em virtude das suas próprias experiências no recurso ao sexo comercial, apresentam um maior entendimento da natureza do trabalho sexual.

O interesse do presente estudo em focar trabalhadoras do sexo de interior (nomeadamente stripteasers) advém do facto de Murphy e Venkatesh (2006) advogarem que as trabalhadoras que exercem a sua profissão em contexto de interior expressam preocupações específicas relativas às suas relações pessoais, preocupações essas decorrentes dos efeitos de isolamento, possivelmente superiores aos de outras trabalhadoras do sexo, especialmente no referente a profissionais que efetuam o trabalho de forma independente, podendo, assim, na perspetiva destes autores, apresentar dificuldades em conhecer indivíduos com os quais poderiam desenvolver relações, tanto dentro, como fora do meio do sexo comercial. Para além do mais, existe substancialmente menos investigação referente a trabalho sexual de interior, em comparação com o trabalho sexual de rua (Belhouse et al., 2015).

2.2. Stripteasers

2.2.1. Estigma

Face à natureza da sua profissão, as mulheres que realizam performances de striptease enfrentam o estigma de desviantes e promíscuas, estigmatização da qual as stripteasers têm consciência e que muitas internalizam (Bradley, 2007; Forsyth & Deshotels, 1998; Thompson, Harred, & Burks, 2003). O referido estigma pode afetar as suas vidas pessoais e, em particular, as suas relações íntimas, tanto ao nível da seleção de parceiros românticos, como da existência de sentimentos de ciúme diretamente relacionados com a estigmatização face à profissão que desempenham (Bahri, 2019; Bradley, 2007; Forsyth & Deshotels, 1998). Deste modo, a implementação de estratégias de gestão do estigma, que permitam que as stripteasers se distanciem da sua profissão, é necessária aquando do envolvimento em relações com parceiros íntimos, embora não garantam a imunização em relação à violência que pode ser vivenciada nessas relações (Bahri, 2019; Forsyth & Deshotels, 1998).

Algumas mulheres racionalizam as consequências do estigma de que são alvo concentrando-se nas recompensas que advém do desempenho do striptease, em particular as monetárias, nomeadamente com o intuito de cumprir objetivos próprios, como poupar dinheiro para frequentar a faculdade, ou de prestar suporte financeiro a filhos, pais, e namorados ou maridos desempregados (Forsyth & Deshotels, 1998; Thompson et al., 2003).

Face à consciência de que certos homens as encaram como objetos de satisfação de fantasias, Bahri (2019) afirma que determinadas stripteasers procuram a humanização, optando por confrontar os potenciais parceiros com a sua atividade logo no início do relacionamento romântico, para que eles tenham em consideração todas características inerentes a uma relação com alguém que desempenha esta atividade profissional, com o intuito de evitar deceções e conflitos futuros. Esta estratégia é de especial importância tendo em consideração a existência de homens, designados pela autora de *peeler pounders*¹, cujo objetivo consiste em envolver-se com elas fora do clube de striptease, de forma a satisfazer uma fantasia e a vangloriar-se do estatuto que consideram obter, encarando-as como troféus e desumanizando-as. De acordo com a referida autora, a necessidade de execução das referidas estratégias reflete a violência que pode estar presente na vida das stripteasers, expressando-se, particularmente, sob a forma de violência por parte de potenciais parceiros.

2.2.2. Violência

Para as mulheres que desempenham striptease, a violência que sofrem está fortemente interligada com o estigma associado ao sexo comercial, inclusivamente a perpetrada por parceiros íntimos, podendo estes exercer sobre as companheiras violência sexual, física, verbal, psicológica (como o recurso a insultos relacionados com a profissão que elas exercem) ou económica (utilizando os proveitos monetários provenientes da sua atuação laboral para suportar encargos financeiros) (Bahri, 2019; Bradley, 2007; Decker et al., 2017). Os sentimentos de ciúme e ansiedade face ao envolvimento das companheiras no striptease são, frequentemente, utilizados pelos parceiros românticos, segundo Bahri (2019), como explicação para os conflitos e, por vezes, até como justificação para a violência perpetrada sobre estas. A referida autora salienta que, uma vez que a violência masculina é normalizada, tal como outras mulheres que não desempenham striptease, algumas stripteasers optam por permanecer nas relações mesmo que estas sejam violentas, sobretudo

¹ Não foi possível efetuar a tradução do termo para português sem que o seu significado fosse alterado, pelo que se optou por mantê-lo no idioma original.

se a referida violência não for física, por considerarem amar o parceiro ou por desejarem companhia. Para além do mais, estas mulheres tendem a aceitar a avaliação negativa a seu respeito, em vez de a atribuírem ao carácter dos parceiros (Bradley, 2007). Assim, as experiências de violência perpetrada por parceiros íntimos vivenciadas por mulheres com esta profissão devem ser contextualizadas na violência mais ampla de que podem ser vítimas, como consequência do estigma associado ao trabalho sexual (Bahri, 2019).

As características da sua profissão dificultam a capacidade de as stripteasers acederem ao apoio da polícia, uma vez que várias formas de violência policial podem prejudicar esse acesso, nomeadamente o assédio verbal, o assédio sexual e a recusa do registo formal e da investigação das queixas, por não encararem as stripteasers como possíveis vítimas (Decker et al., 2015; Decker et al., 2017; Sex Workers' Rights Advocacy Network in Central and Eastern Europe and Central Asia, 2009; Sherman et al., 2015). Consequentemente, surgem sentimentos de desconfiança e medo relativamente às forças policiais, que dificultam o acesso a proteção e a responsabilização dos seus agressores, resultando na continuação da violência, dado que a probabilidade de recorrerem às autoridades para obterem assistência quando sofrem experiências de violência, inclusivamente por parte dos seus parceiros, é menor (SWAN, 2009; Sherman et al., 2015). Como tal, a perceção de impunidade face a crimes perpetrados contra trabalhadoras do sexo é exacerbada (SWAN, 2009). Assim, verifica-se por parte das stripteasers uma preferência em recorrer às entidades responsáveis pela administração dos locais onde desempenham as performances de striptease, em detrimento das instituições públicas destinadas à prestação de serviços de apoio e justiça, para obter suporte face à ocorrência de violência (Decker et al., 2017).

2.2.3. Impacto do striptease nas relações românticas

De acordo com Bradley (2007), as stripteasers podem experienciar sentimentos de culpa e vergonha associados à natureza da sua profissão, frequentemente desencadeados por comportamentos dos parceiros íntimos relacionados com a sua atividade laboral (tais como aborrecer-se, irritar-se ou retirar-se de junto da companheira), sendo que estes comportamentos são efetuados com o intuito de aproveitar o estigma social face à profissão das companheiras para exercer controlo sobre elas, ocorrendo de modo geral imediatamente antes ou depois da uma performance. Deste modo, a mesma autora afirma que as relações românticas são, regularmente, descritas como uma fonte adicional de ridicularização, uma vez que o estigma vivenciado no meio social alargado se expande a essas relações, pelo que se mostram insatisfeitas com estas.

A violação das expectativas sociais pelas trabalhadoras do sexo, anteriormente mencionada, abrange as mulheres que desempenham striptease. Aquando do seu envolvimento em relacionamentos íntimos, as stripteasers têm de gerir as normas inerentes às relações convencionais, uma vez que as expectativas de fidelidade e acesso sexual exclusivo subjacentes a estas são violadas devido às exigências da atividade profissional (que implicam exposição do corpo, sedução e aparente disponibilidade sexual e atração pelos clientes, mimetizando características dos relacionamentos românticos), podendo, deste modo, as responsabilidades laborais interferir na possibilidade de as mulheres manterem relações íntimas genuínas (Bahri, 2019; Bradley, 2007). Por conseguinte, o desempenho de striptease acarreta desafios e dificuldades no equilíbrio entre as exigências da profissão e as expectativas dos parceiros românticos, sendo que essa gestão pode constituir uma fonte de stress, o que leva algumas mulheres, face à condenação por parte dos parceiros, a desistir, desempenhar intermitentemente ou ocultar a sua participação em performances de striptease (Bradley, 2007).

Parte do referido stress decorre de comportamentos de tomada de perspetiva diferenciados, uma vez que, por um lado, as stripteasers conseguem, frequentemente, compreender a perspetiva e sentimentos (inclusivamente de ciúmes) experienciados pelos seus parceiros, enquanto que, por outro lado, esses parceiros não apresentam a mesma vontade ou capacidade de se colocar na perspetiva das companheiras, tomando o ponto de vista dos clientes, com os quais consideram competir pela sexualidade que deveria ser exclusivamente sua, existindo, assim, sentimento de posse (Bahri, 2019; Bradley, 2007). Esta diferença nos comportamentos de tomada de perspetiva pode estar associada com o facto de as exigências da atividade profissional de striptearer implicarem a antecipação dos desejos dos clientes, sendo, desse modo, necessária a habilidade de se colocar na perspetiva destes, o que promove o desenvolvimento das capacidades de tomada de perspetivas de outras pessoas, sendo que o mesmo pode não ser exigido nas profissões dos seus parceiros (Bradley, 2007).

Com o objetivo de aumentar a probabilidade de conseguirem manter relacionamentos românticos de longa duração, as stripteasers podem, segundo Bradley (2007), optar por modificar os seus padrões de seleção de parceiros, de forma a permitir a facilitação da gestão entre a relação íntima e a atividade profissional. De acordo com a referida autora, algumas optam por relacionamentos com indivíduos envolvidos na indústria do sexo comercial, sejam eles stripteasers ou outro tipo de trabalhadores do sexo, ou, ainda, seguranças, DJ, empregados de bar, donos de clubes ou outros funcionários dos seus locais de trabalho,

evitando assim a estigmatização, uma vez que estes homens partilham com elas uma perspetiva semelhante relativamente ao meio a que pertencem. Por outro lado, a autora refere que as stripteasers podem também eleger parceiros que consideram ter menores qualidades relativamente a características como atratividade, inteligência e estabilidade financeira, mas que permitam que elas desempenhem a sua profissão com menor condenação, evitando, assim, a estigmatização. No entanto, conforme referido pela mesma autora, outras stripteasers permanecem sem relacionamentos românticos, em vez de modificarem os seus critérios de seleção, visto que consideram que o trabalho que exercem as impede de se envolverem em relacionamentos íntimos com parceiros considerados de elevada qualidade.

Face à escassa investigação relativamente ao modo como mulheres que desempenham striptease gerem as suas relações românticas, sobretudo em Portugal, país em que, até à data, não existe nenhum estudo publicado sobre o referido tema, a presente dissertação de mestrado pretende aprofundar o conhecimento relativo a essa área.

2.3. Impacto da pandemia de Covid-19

Durante a realização da dissertação, despontou a pandemia de Covid-19, que, de acordo com recentes investigações, tem um impacto significativo nas condições de vida dos trabalhadores do sexo, nomeadamente na capacidade de obterem rendimentos, amplificando, assim, as vulnerabilidades preexistentes (Bromfield, Panichelli, & Capous-Desyllas, 2021; Global Network of Sex Work Projects, 2020). Apesar da repercussão monetária do encerramento de estabelecimentos, tais como os clubes de striptease (NSWP, 2020), não sendo o trabalho sexual uma atividade profissional reconhecida, os indivíduos que o desempenham não têm acesso aos programas governamentais de apoio económico (Bromfield et al., 2021; Lam, 2020). Estando excluídos desses programas (Lam, 2020), muitos trabalhadores do sexo mantiveram o desempenho presencial, o que coloca em risco a sua saúde pelo potencial contacto com o vírus (Bromfield et al., 2021; Lam, 2020; NSWP, 2020) e os expõe a sanções legais por infringirem as medidas de confinamento (NSWP, 2020). Deste modo, considera-se pertinente a inclusão do estudo do impacto da pandemia de Covid-19 na vida das mulheres que desempenham striptease como um dos objetivos desta investigação.

3. Metodologia

3.1. Objeto e objetivo

O objeto de estudo desta investigação são as mulheres que desempenham striptease e o seu objetivo geral consiste em explorar a gestão de relações românticas por parte destas mulheres. De modo a possibilitar a concretização deste trabalho, definiram-se os seguintes objetivos específicos: 1. Compreender a percepção das participantes relativamente ao estigma face ao striptease; 2. Averiguar a existência de estratégias de separação da vida profissional e da vida privada; 3. Perceber a conceção das mulheres stripteasers sobre a simultaneidade de relações românticas e desempenho do striptease; 4. Explorar o impacto do striptease nas relações românticas; 5. Investigar a violência perpetrada por parceiros; e 6. Analisar o impacto da atual pandemia de Covid-19.

3.2. Método

A presente investigação desenvolve-se com recurso a metodologia qualitativa, pois esta é considerada a forma mais adequada de captar os dados relevantes para o estudo desta população que, como anteriormente referido, é marcada pelo estigma. A metodologia qualitativa, ao permitir a exploração de fenómenos relacionados com grupos cujas vozes são silenciadas, empodera-os ao possibilitar que partilhem as suas histórias (Creswell, 2007).

A metodologia qualitativa caracteriza-se por ser emergente, isto é, em detrimento de uma estrutura vincadamente estabelecida, as várias fases do processo vão sendo adaptadas no decorrer da obtenção de novas informações e conhecimentos (Creswell, 2003, 2007), possibilitando uma compreensão contextual (Maxwell, 1998). Deste modo, a recolha de dados tende a realizar-se em contexto natural, sendo apreendida informação contextual relativa às circunstâncias particulares em que ocorrem as experiências dos participantes (Creswell, 2003, 2007; Guba & Lincoln, 1994; Maxwell, 1998), o que contribui para uma assimilação detalhada do fenómeno (Creswell, 2003, 2007). Este nível de detalhe e a aplicabilidade a cada caso individual é possível através do contacto direto com os participantes, permitido captar as suas perspetivas e reflexões, de forma a apreender os

significados que os próprios atribuem ao que vivenciam (Bryman, 2012; Creswell, 2007; Guba & Lincoln, 1994).

No que concerne à abordagem ao fenómeno, optou-se por uma abordagem fenomenológica, procurando, assim, compreendê-lo em profundidade, por meio dos significados atribuídos a experiências partilhadas por indivíduos que o vivenciam (Bryman, 2012; Creswell, 2003, 2007; Creswell, Hanson, Clark, & Morales, 2007; Shinebourne, 2011). Face ao intuito de obter informações detalhadas relativamente às experiências individuais, esta abordagem recorre, sobretudo, a entrevistas (Creswell, 2007; Creswell et al., 2007; Shinebourne, 2011).

3.2.1. Instrumento

De modo a cumprir o objetivo definido e em virtude de uma abordagem adequada ao tema, para a recolha de dados empregou-se o método da entrevista, que é apontado como o mais amplamente utilizado na metodologia qualitativa (Bryman, 2012; Peräkylä & Ruusuvuori, 2013), uma vez que permite o acesso em profundidade a informações que de outro modo seriam inacessíveis (Quivy & Campenhoudt, 1992; Peräkylä & Ruusuvuori, 2013), refletindo as interpretações e significados que os entrevistados atribuem às suas experiências (Creswell, 2003; Quivy & Campenhoudt, 1992; Seidman, 2006). A recolha destes dados é favorecida pela flexibilidade e reduzida diretividade da entrevista (Bryman, 2012; Quivy & Campenhoudt, 1992), razão pela qual este estudo recorreu ao modelo de entrevista semiestruturada, dado que, sendo constituída por questões abertas (Creswell, 2003; Quivy & Campenhoudt, 1992), permite a emergência de temas significativos introduzidos pelos entrevistados (Bryman, 2012).

O guião de entrevista semiestruturada (Anexo A), construído com base na revisão da literatura efetuada, inclui seis temas, a saber: o impacto da pandemia de Covid-19, a caracterização da profissão desempenhada, o estigma, o impacto do striptease nas relações românticas, as estratégias de separação da vida profissional e privada e a violência perpetrada por parceiros, num total de 31 questões.²

² Esta investigação foi realizada em paralelo com outra pesquisa sobre o mesmo tema, também no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia e com a mesma orientadora. Assim, e dada a dificuldade de acesso a esta população, os dois guiões de entrevista correspondentes a cada uma das investigações foram integrados num só, tendo as entrevistas sido conduzidas por uma das investigadoras, mas integrando as questões das duas pesquisas.

3.2.2. Procedimentos de recolha de dados

O processo de recrutamento de participantes abrangeu procedimentos distintos, nomeadamente a sondagem das redes de contactos pessoais, o método de bola de neve e a abordagem de stripteasers durante o exercício do seu trabalho num clube na zona norte de Portugal. Foram estabelecidos três contactos com mulheres stripteasers por via de conhecimentos pessoais comuns, sendo que, no entanto, apenas um destes foi bem-sucedido. Através do método de bola de neve, essa primeira entrevistada recrutada através de um conhecido em comum desencadeou mais dois contactos bem-sucedidos, o que perfaz três entrevistas. Estas três entrevistas, com uma duração média de cerca de uma hora, foram agendadas telefonicamente, realizaram-se por videochamada através da plataforma WhatsApp e recorreu-se a um telemóvel para efetuar a gravação áudio das mesmas, após ser concedida autorização para tal. Estas entrevistas decorreram nos dias 6, 8 e 15 de julho de 2021. Os restantes contactos e a continuidade da cadeia de bola de neve revelaram-se infrutíferos devido à resistência por parte destas mulheres em abordar o tema da sua profissão, tal como foi referido pelos intermediários. Tal pode ser encarado, por si só, como uma evidência da estigmatização sentida por estas mulheres e que ficou elucidada na revisão da literatura efetuada. Consequentemente, não é de descartar a possibilidade de existir, logo à partida, um enviesamento dos dados pelas características e posição face ao estigma das mulheres que aceitaram participar na investigação.

A abordagem de participantes no clube de striptease foi possível mediante autorização do proprietário do espaço, que procedeu à apresentação das stripteasers e viabilizou a realização das entrevistas durante o horário laboral. De referir que o momento de recolha de dados foi precedido de uma outra ida ao clube, destinada ao conhecimento e ambientação ao local. É também de referir que, devido aos constrangimentos provocados pela pandemia de Covid-19, este foi um processo bastante demorado, pois o clube não funcionou durante um largo período de meses. Ou seja, apesar de termos a autorização prévia do proprietário do espaço para aí nos deslocarmos para a recolha de dados desde finais de 2020, apenas conseguimos concretizar este processo nos dias 3 de julho e 3 de agosto de 2021. Neste local, realizou-se um total de seis entrevistas. Em quatro destas entrevistas não foi possível efetuar registo áudio devido a constrangimentos sonoros, tendo sido efetuadas anotações no momento, que foram completadas logo após o término das interações com as participantes. Duas participantes foram entrevistadas simultaneamente, a pedido das próprias, pelo que se acautela que possa ter existido contaminação dos dados e que as respostas podem divergir das que seriam obtidas em situação de entrevista individual.

Contudo, dada a dificuldade de acesso a participantes em investigações referentes a atividades estigmatizadas, como é o caso, e a estas em particular, ainda mais num contexto pandémico, considerou-se que, mesmo com a possível contaminação, a importância destes dados justificava a sua inclusão no estudo. Para além dessas, duas entrevistas foram iniciadas, em momentos em que foi possível recorrer à gravação áudio, mas tiveram de ser interrompidas por solicitação laboral das participantes, sendo a sua continuação reagendada para datas posteriores, em formato de videochamada. No entanto, apenas uma destas foi finalizada, por indisponibilidade de uma das participantes. Apesar desta entrevista ter permanecido incompleta, as informações em falta são diminutas e dizem respeito apenas a alguns dados sociodemográficos. À semelhança das realizadas por videochamada, as entrevistas realizadas presencialmente no clube e em formato misto de presencial e videochamada tiveram, igualmente, uma duração média de uma hora.

Previamente a todas as entrevistas, procedeu-se a uma breve explicação do objetivo e implicações do estudo, seguida da recolha do consentimento informado oral para a participação. Cinco das entrevistas foram efetuadas em português, três (incluindo as realizadas simultaneamente a duas participantes) em inglês e, por fim, na última, as questões foram elaboradas em português e as respostas fornecidas em espanhol.

As gravações áudio das entrevistas foram integralmente transcritas e as anotações manuais das entrevistas em que não foi possível efetuar registo áudio foram reproduzidas em computador, para possibilitar a sua posterior análise.

3.2.3. Participantes

As participantes, em número de nove, tinham, à data das entrevistas, idades compreendidas entre os 20 e os 47 anos, com uma média de idades de 28 anos, e desempenhavam striptease há períodos temporais contidos entre um e 15 anos, com uma média de tempo de permanência na profissão de cerca de cinco anos, embora algumas não a tenham praticado ininterruptamente. Cinco das participantes têm nacionalidade portuguesa e as restantes, embora exercessem, aquando das entrevistas, a atividade laboral em Portugal, são naturais da Rússia, Alemanha, Ucrânia e de um país hispanófono da América do Sul (não se tem conhecimento exato de qual o país, uma vez que esta nacionalidade corresponde à participante cuja entrevista foi suspensa e não houve possibilidade de ser terminada). Quanto ao nível de escolaridade, uma concluiu o 6º ano, duas finalizaram o 9º ano, duas terminaram o 12º ano ou curso equivalente e quatro frequentaram o ensino superior. Cinco das entrevistadas afirmam ser heterossexuais e, embora uma se identifique como pansexual

e duas como bissexuais, as relações românticas mencionadas com tendo ocorrido durante o exercício do trabalho de stripteaser são todas referentes a relacionamentos com pessoas do género masculino. Embora não se saiba a orientação sexual da participante cuja entrevista ficou incompleta, as relações românticas a que se refere foram, igualmente, com indivíduos do género masculino.

O trabalho desempenhado pelas participantes divide-se em três grandes vertentes: espetáculos de dança realizados em palco, danças privadas (requisitadas por um indivíduo ou por grupos) e alterne (em que os clientes custeiam as bebidas consumidas pelas trabalhadoras, de forma a poderem usufruir da sua companhia e conversar com elas). Das nove entrevistadas, duas já não estão no ativo e uma outra, no momento, havia deixado de dançar e apenas desempenhava a vertente de alterne. Embora os contextos e circunstâncias que ocasionaram o começo deste trabalho sejam diversificadas (desde a necessidade de apoiarem financeiramente familiares, de se tornarem independentes e financiarem os seus estudos ou de pagarem dívidas, passando pelo facto de ter sido o emprego que mais facilmente conseguiram arranjar, até a terem respondido a anúncios sem compreender que era este o trabalho pretendido), a motivação monetária é transversal ao início e permanência de todas as participantes. Complementarmente, três entrevistadas mencionaram o gosto pelo trabalho realizado, sobretudo pela vertente de dança, como um importante fator motivador da permanência na profissão.

3.2.4. Procedimentos de análise de dados

Optou-se por recorrer à Análise Fenomenológica Interpretativa por se centrar na compreensão dos fenómenos a partir da perspectiva dos indivíduos que os experienciam, através da apreensão da interpretação e significados que atribuem a essas experiências (Howitt, 2010), permitindo, assim, responder ao desejo de dar voz às participantes deste estudo, enquanto integrantes de uma população estigmatizada. Com o recurso a esta abordagem de análise dos dados, pretende-se responder aos objetivos de investigação anteriormente mencionadas, uma vez que a Análise Fenomenológica Interpretativa visa uma exploração flexível, em detrimento da testagem de hipóteses predeterminadas (Howitt, 2010).

Seguindo os passos determinados por Howitt (2010), terminada a recolha de dados, procedeu-se, para cada uma das entrevistas, à familiarização com os dados, através da sua leitura e releitura, e à anotação manual de comentários e apontamentos preliminares que, mais tarde, ajudariam à identificação de temáticas no conteúdo. Assim, posteriormente, com

o auxílio das anotações iniciais, realizou-se a identificação dos temas presentes em cada uma das transcrições e a análise das interconexões entre estes, de modo a agrupá-los em temas superordenados, sistematizados em tabelas contendo os temas superordenados e os temas incluídos em cada um. Cada uma das transcrições foi analisada sem se ter em consideração os temas emergentes nas restantes, de modo a serem perceptíveis as divergências e convergências nos temas abordados. Terminada a análise de todas as entrevistas, elaborou-se uma tabela final (Anexo B) que reúne a totalidade dos temas identificados, isto é, quatro temas superordenados (Estigma, Separação da Vida Profissional e Privada, Striptease e Relações Românticas e Impacto da Pandemia de Covid-19) e os temas abrangidos por cada um destes, e prosseguiu-se para a escrita da análise e discussão dos resultados.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1. Estigma

A existência de estigma face ao striptease e a quem o desempenha é reconhecida por todas as participantes da investigação, o que coincide com o afirmado por Forsyth e Deshotels (1998) relativamente às stripteasers terem consciência da percepção pública estereotipada sobre o striptease. No entanto, apesar de o confronto continuado do estigma poder ser uma relevante causa de perturbação (Bradley, 2007), seis das mulheres afirmam que esse estigma não tem impacto significativo nas suas vidas: *Para mim é muito simples, nunca deixei que tivesse.* (P2³) Pelo discurso dessas participantes, compreende-se que a estratégia comum empregue para minimizar o efeito da estigmatização é a seleção criteriosa das suas redes de relações, de forma a rodearem-se de indivíduos que aceitem a sua profissão e distanciarem-se daqueles que tenham opiniões depreciativas. Esta técnica de gestão do estigma já havia sido mencionada na literatura científica sobre o tema, nomeadamente como uma das estratégias passíveis de ser utilizadas mencionadas no estudo de Bahri (2019) sobre a gestão do estigma e da violência interpessoal nas relações românticas de stripteasers.

Um indicador da forma como sentem e gerem o estigma relaciona-se com esconderem de familiares e amigos a sua profissão. Cinco das mulheres entrevistadas referiram esta estratégia, pois dizem ter receio de serem julgadas, uma vez que percebem essas pessoas como demasiado conservadoras e preocupadas com a imagem social. A não revelação do papel desempenhado no comércio do sexo deve-se à consciência da atribuição social de culpa, vergonha e condenação ao seu trabalho, que gera medo de serem rejeitadas e julgadas (Scrambler, 2007). Nestas situações, quando questionadas relativamente à origem dos seus ordenados, dizem ser provenientes de um outro emprego que não o real, sendo a área da restauração a privilegiada para referir como ocupação, o que parece dever-se à similaridade de horários laborais entre os dois ofícios.

Contrariamente ao que seria expectável, em detrimento da possível internalização do estigma associado à sua profissão (Bradley, 2007; Cornish, 2006; Oliveira, 2008), cinco das stripteasers referem-se de modo dignificante ao seu trabalho e não o encaram como motivo

³ De modo a facilitar a exposição e interpretação dos resultados, atribuiu-se a cada participante um código, que inclui o seu estatuto na investigação, identificado com P (participante), e o número da ordem pela qual a sua entrevista foi analisada.

para vergonha, sendo mesmo caracterizado como uma forma de arte por três dessas profissionais: *Dançar é uma forma de arte, não é só mostrar-me, é arte.* (P5)

A justificação avançada pelas entrevistadas para a existência de estigma é unânime: o desconhecimento sobre em que consiste o striptease e o trabalho efetuado pelas stripteasers e a confusão com a prostituição. Para além do mais, uma das participantes defende que o preconceito está enraizado na censura socialmente construída do corpo feminino:

(...) simplesmente tem algo que é visto com muito tabu, que é o corpo da mulher (...) a sociedade, pelo menos aqui no ocidente, tem muito esse tabu com o corpo da mulher, então acaba por espalhar essa ideia que é uma construção meramente social. (P1)

Não obstante, duas participantes afirmaram estar a verificar-se uma normalização do striptease entre a população jovem: *Sobretudo os jovens acho que não estranham, é um trabalho que está a virar normal.* (P4)

Tipo nós estamos numa altura em que cada vez é mais comum ver gente nua e cada vez é mais comum fazer lucro com o corpo, estamos na geração dos Onlyfans (...) (P2)

Esta perspetiva é corroborada por uma terceira quando refere que apenas os seus familiares mais jovens têm conhecimento do seu trabalho enquanto stripteaser, por o preconceito ser *uma questão de mentalidade e gerações.* (P1)

4.2. Separação da vida profissional e privada

Todas as entrevistadas, exceto uma, procuram separar a sua vida profissional da privada. Vários meios podem ser utilizados por stripteasers para realizar essa separação (Forsyth & Deshotels, 1998), sendo que três estratégias foram mencionadas pelas participantes da presente investigação. Uma das estratégias mais referidas foi a criação de uma identidade/persona a assumir durante o desempenho profissional. As identidades profissionais podem ser, inclusive, sustentadas por pseudónimos e histórias de vida fictícias (Sanders, 2005). Embora cinco das mulheres utilizem esta estratégia, foi possível detetar diferentes nuances no seu grau de elaboração: apenas utilização de um pseudónimo (uma participante), encarnação de uma personagem, mas mantendo o seu nome real (uma participante), utilização de pseudónimo associada à representação de uma personagem (uma participante) e, a variante mais complexa, possuir pseudónimo e interpretar personagens que

são adaptadas conforme as características dos clientes e as temáticas dos espetáculos executados (duas participantes): *Se estivessem a pagar, eu era o que eles quisessem.* (P2)

(...) eu sempre fui muito de me adaptar, se eu fazia uma performance que era, por exemplo, despedidas de solteiro era mais divertida, se eu fosse fazer uma performance um pouco mais delicada e sensual adaptava-me (...) no fundo, as performances são como o teatro, nós, de acordo com a música, de acordo com o show em si, a gente adapta-se e, pronto, desenvolve personagens, eu pelo menos sempre me senti assim. (P1)

Esta adequação das personas, executada por duas das entrevistadas, coincide com a visão defendida por Sanders (2005) de que a criação de identidades serve um duplo propósito, ou seja, para além de ser um mecanismo de proteção para gerir as tensões associadas ao desempenho de trabalho sexual, funciona também como uma estratégia comercial para atrair e manter os clientes, através da criação de personagens que se enquadrem nas suas expectativas e preferências. Os rituais de transição entre a persona profissional e a sua própria identidade, relativos à alteração do vestuário, maquilhagem ou comportamento (Belhouse et al., 2015; Fick, 2005; Sanders, 2005; Wolffers et al., 1999), são mencionados por duas mulheres, sendo que uma se refere ao ato de tomar banho depois do trabalho como o momento demarcador entre as suas identidades e outra associa à sua persona a utilização de maquilhagem carregada e em tons que não usaria na vida privada: *Nem sequer uso esta maquilhagem toda na minha vida privada, nunca usaria este batom rosa.* (P6)

Uma outra estratégia mencionada, por cinco das entrevistadas, é a de manter a profissão no desconhecimento de alguns familiares e amigos. Deste modo, as stripteasers parecem querer assegurar um efetivo afastamento entre estes dois mundos: o familiar e o profissional. O desconhecimento que familiares e amigos têm da sua atividade profissional impede que estes se possam de alguma forma relacionar com a sua atividade, ficando bem vincada a distância.

Quatro participantes referiram como estratégia manter distanciamento relativamente aos clientes, sendo que, para tal, não lhes transmitem informações sobre as suas vidas privadas, não facultam formas de contacto (seja telefónico ou redes sociais) e recusam encontrar-se com eles fora do local de trabalho. Esta estratégia é inclusivamente adotada, segundo uma delas, para se protegerem de eventuais perseguições por parte dos clientes fora dos clubes, o que já havia sido referido por Sanders (2005) como um motivo para as trabalhadoras do sexo não quererem partilhar com os clientes identificadores pessoais:

(...) por uma questão de segurança, porque, como deve imaginar, há pessoas que são mentalmente instáveis e, às vezes, confundem estarem a pagar um serviço que é naquele momento com estarem a criar uma ligação emocional com uma pessoa com quem não podem criar essa ligação emocional. (P1)

Contrariamente às oito participantes que recorrem a uma ou mais das mencionadas estratégias, a que afirma não sentir necessidade de executar a separação entre a sua vida profissional e privada procede de modo inverso, isto é, utiliza o seu próprio nome, os familiares e amigos têm conhecimento da sua profissão e os clientes sabem detalhes da sua vida privada. Esta ausência de necessidade de resguardar a sua privacidade, apesar da consciência da estigmatização socialmente associada à prática de striptease, poderá dever-se ao apoio e aceitação familiar, à sua perspetiva dignificante sobre o trabalho e a forma como executa e, presumivelmente, à própria experiência no meio, dado que é, das mulheres entrevistadas, a que desempenha a profissão há um maior período de tempo (15 anos):

(...) existe estigma, existe preconceito. Eu não ligo, não me afeta já, não é? Já me afetou, mas já não me afeta. Para já porque eu sei o que é que faço, sei quem sou e a opinião dos outros a mim não me diz absolutamente nada. Se eu tivesse qualquer problema com a minha profissão, a minha família nunca saberia o que eu faço e a minha família sempre soube e sempre me apoiaram. (P3)

4.3. Striptease e relações românticas

Relativamente à conceção da simultaneidade do exercício de striptease com a permanência em relacionamentos românticos, quatro das participantes consideram que essa simultaneidade é incompatível devido à existência de sentimentos de ciúme por parte dos parceiros íntimos. Para além do mais, embora não tenha sido expresso diretamente, a percepção de incompatibilidade poderá também dever-se às próprias acharem que, por serem stripteasers, não são merecedoras de um relacionamento romântico, como deixa transparecer a declaração de uma destas mulheres de que um parceiro que goste verdadeiramente da companheira não aceita que ela trabalhe como stripteaser:

O homem que aceite que ela trabalhe na noite não gosta dela, chula-a, vive às custas do dinheiro dela. Se gostasse, não permitia, tirava-a dali. Eu vejo o que se passa e não crucifixo nenhum homem, eu também não permitia. (P4)

A perspetiva de não querer como parceiros indivíduos que estejam confortáveis com o facto de as companheiras serem trabalhadoras do sexo já havia sido detetada no estudo de

Belhouse et al. (2015), sendo avançada pelos autores a explicação de que este ponto de vista pode ser um indicador de que as mulheres que o expressam podem não estar elas próprias confortáveis com a prática do trabalho sexual, mesmo que não o aparentem.

Por outro lado, outras quatro participantes encaram como compatível a simultaneidade do desempenho de striptease e da vivência de relações íntimas, desde que se verifiquem alguns requisitos que apontam como importantes para exequibilidade dos relacionamentos, nomeadamente que a relação seja estabelecida com parceiros que não tenham preconceitos e sejam apoiantes face ao seu emprego e que, pela parte das próprias stripteasers, o trabalho seja exercido de acordo com as regras e limites estabelecidos, com respeito e sinceridade. Embora não tendo sido diretamente explicitado, os discursos das entrevistadas apontam para que este cumprimento de regras e limites se refira à recusa de relações sexuais com os clientes.

A demais participante, apesar de ainda não ter definida uma opinião sobre a concomitância de trabalhar como stripteaser e manter relações românticas, por estar pela primeira vez a envolver-se num relacionamento sério desde que está no meio, afirma igualmente a relevância de selecionar um parceiro apoiante:

(...) quando tens este trabalho, comesças a ter certos requisitos, percebes que a pessoa que escolhes para formar família e ter uma relação não pode ser qualquer pessoa, comesças a ter requisitos, tais como a forma como a pessoa deve preocupar-se contigo. Então, tu tens de escolher cuidadosamente. Eu acho que é possível, apenas tens de escolher a pessoa certa, perceber a mentalidade dela e se está ok com isso ou se ele não quer que trabalhes no strip. Então, ele tem de te apoiar, para tu fazeres o que te inspira. (P7)

Estes dados condizem com os dos estudos de Warr e Pyett (1999), no qual as participantes que percecionavam os seus parceiros íntimos como apoiantes expressavam otimismo face à simultaneidade dessas relações e do desempenho de trabalho sexual, e de Belhouse et al. (2015), em que as mulheres com parceiros apoiantes tendiam a reportar experiências mais positivas relativamente ao impacto do trabalho sexual nas suas relações românticas.

Algumas dificuldades na gestão das exigências do trabalho e das expectativas dos parceiros românticos foram apontadas, tanto por mulheres que encaram a simultaneidade do striptease e das relações íntimas como compatível, como por outras que a consideram incompatível. Mesmo que algumas dessas dificuldades possam ser questões generalizáveis a várias profissões, tais como a incompatibilidade horária resultante de regimes laborais

diferentes (uma vez que o trabalho das stripteasers é noturno e o da maioria dos parceiros é diurno) ou o desconforto face à diferença salarial (dado que a quantia de dinheiro ganha no striptease é superior ao salário médio recebido noutras profissões), outras dificuldades já decorrem do estigma e dos sentimentos de ciúme. Uma participante mencionou, como exemplo de uma dificuldade decorrente da estigmatização associada ao striptease, a apresentação da mulher aos familiares do parceiro e a relevação da sua profissão. Como, geralmente, as relações não existem isoladas das redes de contactos pessoais de cada uma das partes, a não aceitação por parte desses familiares pode prejudicar o relacionamento. Do mesmo modo, alguns aspetos práticos inerentes ao trabalho realizado podem, face à existência de ciúmes por parte dos parceiros, constituir obstáculos à permanência nas relações, como é o caso em que o parceiro de uma das mulheres se negou a ter proximidade física após ela regressar do trabalho por esta cheirar a perfume de homem devido a ter estado sentada junto de clientes. Este comportamento poderá enquadrar-se no que Bradley (2007) definiu como um conjunto de comportamentos subtis (que incluem aborrecer-se, irritar-se ou retirar-se de junto da companheira) praticados por parceiros de stripteasers, geralmente imediatamente antes ou depois da uma performance. Segundo esta autora, estes comportamentos teriam o intuito de desencadear sentimentos de culpa e vergonha na mulher face à sua profissão.

Além do referido, de acordo com uma das participantes, um desafio na manutenção de relacionamentos íntimos pode advir mesmo da forma de pensar das próprias profissionais, caso perspetivem as relações privadas como se fossem relações profissionais e encarem as relações com os parceiros românticos como uma fonte de benefícios, à semelhança das relações profissionais com os clientes:

(...) tens atitudes diferentes para com os clientes e para com os namorados. Então, claro que precisas compartimentar as diferentes relações, a com a pessoa que amas daquelas com que fazes dinheiro. (...) É só ter consciência, apenas ter consciência sobre o que estás a fazer. Porque, por vezes, várias raparigas, se não conseguirem diferenciar o trabalho da vida privada, podem ser demasiado consumistas nas relações também, porque é o que precisas de fazer com os clientes, eles vêm para gastar dinheiro, é o teu trabalho fazer o máximo de vendas para o clube que consigas. Mas, às vezes, muitas raparigas começam a ser consumistas também nas relações e elas começam a esquecer que também têm de dar, que não é apenas receber, receber, receber, receber...presentes, dinheiro, tudo...que é nos dois sentidos, tu dás e recibes. Mas é possível, apenas tens de ser consciente sobre o que

fazes, observar o teu próprio comportamento e controlar-te a ti própria, apenas compreender aqui é o trabalho e ali é a pessoa que escolheste não apenas porque queres tirar dinheiro desta pessoa, mas porque amas essa pessoa por outras coisas, por quem ela é. (P7)

De modo a evitar os constrangimentos relacionados com o estigma, identificou-se nos discursos das participantes o recurso a duas estratégias ao nível da seleção dos parceiros românticos. A modificação dos critérios de seleção dos parceiros já tinha sido detetada por Bradley (2007) como sendo utilizada por stripteasers para facilitar a gestão entre a atividade profissional e as suas relações. A primeira estratégia (mencionada em cinco entrevistas), igualmente empregue por participantes da investigação de Bahri (2019), é a de revelar a profissão de stripteaser aos potenciais parceiros numa fase precoce do estabelecimento da relação, com o intuito de efetuar uma triagem inicial, de modo a descartar como possibilidades de envolvimento aqueles cuja reação for adversa e marcada pelo estigma: *Eu conto logo e a pessoa aceita ou não. Quando vejo que gosto dele, conto o que faço. Não costuma haver más reações, se não também não fico com eles. (P6)* A outra estratégia (identificada em seis participantes) é a opção de escolher como parceiros indivíduos familiarizados com a indústria do striptease, sejam eles trabalhadores deste contexto (nomeadamente seguranças e empregados de bar), que partilham com elas uma perspetiva semelhante relativamente ao meio a que pertencem (Bradley, 2007), ou clientes habituais de clubes de striptease (tendo sido ou não seus clientes), que, devido às suas próprias experiências no recurso ao sexo comercial, apresentam um maior entendimento da natureza do trabalho realizado (Belhouse et al., 2015). Deduz-se que a escolha desses parceiros minimize a estigmatização derivada do desconhecimento e falta de compreensão sobre a atividade, uma vez que os problemas nas relações amorosas das trabalhadoras do sexo decorrem, frequentemente, da incompreensão demonstrada pelos parceiros íntimos face ao meio (Belhouse et al., 2015): *(...) como era uma pessoa que também estava habituado ao meio em si e não tinha qualquer tipo de preconceito, foi compatível, foi bastante compatível sim. (P1)*

No entanto, a utilização das referidas estratégias não é uma garantia de sucesso dos relacionamentos. Três das participantes relataram que, mesmo tendo os parceiros aceitado inicialmente a sua profissão aquando da revelação, com o avançar e aprofundamento das relações, começaram a emergir sentimentos de ciúme e posse: *No início até pode funcionar, mas depois quando se vão criando sentimentos, os ciúmes começam a crescer e no início ele diz que não há problema, mas depois já começa a haver e deixa de tolerar a profissão. (P8)*

Este fenômeno de aceitação inicial e posterior surgimento de ciúmes e possessividade já havia sido descrito por participantes dos estudos de Bahri (2019) e Bradley (2007) sobre a gestão do estigma nas relações íntimas de stripteasers. Mesmo a seleção de parceiros familiarizados com o meio não invalida a existência de ciúmes encarados como prejudiciais à manutenção das relações, como foi referido por duas entrevistadas que tentaram, infrutiferamente, estabelecer relações com indivíduos conhecedores da indústria do striptease: (...) *conhece o mundo, é barman noutra casa, mas acabou por não gostar. Eu trabalho em várias cidades e ele tinha muitos ciúmes, então terminei.* (P4) O impacto negativo do trabalho sexual nas relações românticas, nomeadamente pela suscitação dos referidos sentimentos de ciúme, já tinha vindo a ser reportado na literatura científica (Bahri, 2019; Belhouse et al., 2015; Bilardi et al., 2011; Sanders, 2004; Warr & Pyett, 1999), o que confirmamos na nossa investigação.

Como ilustrado no excerto anterior, as atitudes de ciúme dos parceiros podem ter como consequência o término dos relacionamentos, o que pode culminar na decisão deliberada de as stripteasers permanecerem sem relações românticas, por considerarem que a sua gestão com o trabalho não é possível, como é o caso de duas das participantes desta investigação: *Tão cedo não consigo ter uma relação com alguém. Agora não quero ter relações, quero ser independente e não depender de homem nenhum. A mulher da noite não precisa de homem nenhum.* (P8)

Estou numa fase da minha vida que, relacionamentos amorosos, esse alguém teria de ser uma pessoa muito muito especial porque eu vejo muita coisa no trabalho e ouço muita coisa no trabalho e isso a mim afeta-me a nível pessoal, em termos de confiança, porque mexe com a minha confiança nos outros, porque vejo muita coisa e ouço muita coisa e eu sempre gostei muito de me pôr no lugar dos outros. Então e se fosse ao contrário como é que seria? Eu não ia gostar que mo fizessem, não é? E então decidi que estava bem como estou. Aliás, descobri que sou mais feliz sozinha porque assim vou para onde quero e ninguém me chateia a cabeça. (P3)

Essa opção é congruente com a tomada por algumas das participantes das investigações de Belhouse et al. (2015) e Warr e Pyett (1999), que não consideravam a natureza do seu trabalho conciliável com as exigências inerentes à permanência em relacionamentos íntimos. Por outro lado, face à consideração de que essa gestão é inoportável, as mulheres podem optar pelas relações em detrimento do trabalho, o que se verificou com duas das profissionais entrevistadas, sendo que uma desistiu do seu trabalho num clube de striptease durante um ano para garantir a manutenção de uma relação que tinha

na altura e a outra deixou de realizar performances de striptease (continuando apenas a realizar a vertente de alterne) por considerar, com base em experiências de relacionamentos anteriores, que a relação íntima em que estava não vingaria se continuasse, tendo, contudo, recusado deixar completamente o meio, quando o parceiro lho solicitou, e pondera, agora que já não mantêm o envolvimento, voltar a dançar:

Eu deixei de dançar, fiz uma pausa por causa de uma relação. Ele não me pediu, mas eu sabia como foi com os outros. (...) Como eu queria estar com ele deixei de dançar. Mas depois vi que ele queria que eu saísse mesmo da noite e isso não ia deixar por um homem não. Ele queria que eu fosse trabalhar para uma loja de roupa, a ganhar o salário mínimo quando aqui faço isso numa noite. (P4)

De modo semelhante, no estudo de Bradley (2007), face às atitudes e comportamentos dos seus parceiros, algumas stripteasers optaram, igualmente, por terminar as suas carreiras ou trabalhar de forma intermitente.

No caso de duas participantes, as atitudes ciumentas e possessivas dos parceiros perante a sua profissão culminaram na perpetuação de violência continuada, sendo que uma sofreu de violência psicológica e física em vários dos relacionamentos em que esteve envolvida desde que começou a trabalhar como stripteaser, enquanto a outra se refere a uma única relação em que foi vítima de violência sexual. Os parceiros de ambas as mulheres evocavam o striptease como justificação para os seus atos violentos, o que também já havia sido verificado na investigação de Bahri (2019). Essas práticas violentas tinham como objetivo subjugar as companheiras, tentando fazê-las sentir-se culpadas por interações sexuais que eles acreditavam existir com clientes, e demonstrar-lhes a sua posse e controlo sobre elas. À semelhança de parceiros de participantes no estudo de Bradley (2007), os parceiros destas entrevistadas utilizavam técnicas de controlo inerentemente relacionadas com a própria ocupação das mulheres e referiam-se à profissão como forma de insulto: *Sim, sofri de violência sexual por um que tinha muitos ciúmes. Muitas vezes. Ele tinha ciúmes e explodia e quando explodia isso acontecia, ele dizia “é o que fazes com os clientes”, “sei o que fazes lá”. (P5)*

Já sofri de violência doméstica por causa de fazer striptease. Desde que sabiam a minha profissão tratavam-me de forma diferente, faziam violência emocional porque acreditavam que uma espécie de pagamento por estar com outros homens era fazer tudo o que eles queriam pois pertencia-lhes. Cheguei mesmo a sofrer de violência física. Eles não sabiam lidar com o facto de me despir para outros homens, não aceitavam e queriam controlar. (P8)

Nenhuma delas procurou qualquer forma de apoio ou proteção, tendo sido explicado por uma que esse pedido de ajuda não ocorreu porque implicaria revelar a sua profissão e não queria ter de se sujeitar à estigmatização associada. Esta explicação enquadra-se no facto de as características da própria profissão dificultarem que as stripteasers acedam a serviços de apoio e justiça, o que pode levar à impunidade da violência exercida sobre estas mulheres (Decker et al., 2017). Uma dessas participantes afirma ter permanecido por um período prolongado numa das relações violentas por amar o parceiro e por compreender a perspetiva e ciúmes sentidos por este. Este tipo de decisão, segundo Bahri (2019), tem raízes na normalização da violência masculina, devido à qual muitas mulheres (e não somente stripteasers) optam por permanecer em relações nas quais existe violência, por amarem os parceiros ou por desejarem companhia.

De facto, a compreensão da perspetiva e sentimentos experienciados pelos parceiros é transversal ao discurso de várias das entrevistadas, tendo sido abordada por seis das nove participantes, que afirmam conseguir colocar-se no papel dos seus companheiros e perceber que eles sintam desconforto e insegurança, mesmo quando existe confiança e conhecimento do trabalho realizado:

(...) eu admito que é um trabalho que causa algum tipo de insegurança na pessoa que nos acompanha, porque estão, normalmente, bastantes pessoas do sexo masculino a olhar para nós e, muitas vezes, com intenções... não com uma visão artística de uma pessoa que está a executar uma dança, mas com uma visão um pouco mais sexual, mais erótica. E isso aí pode causar bastantes inseguranças na pessoa com quem a gente tem uma relação romântica. (P1)

Esta capacidade de compreensão dos parceiros, segundo Bradley (2007), poderá dever-se ao facto de a profissão de stripteaser implicar a antecipação dos desejos dos clientes, sendo para tal necessário que se coloquem na perspetiva destes, o que promove o desenvolvimento da habilidade de tomada de perspetivas de outras pessoas. Por outro lado, tendo em conta que a mesma autora afirma que as exigências da profissão destas mulheres violam as normas das relações convencionais, colocando em causa as expectativas sociais de monogamia e exclusividade sexual, a compreensão da perspetiva dos parceiros poderá também dever-se a elas próprias encararem a monogamia como sendo desejável nas relações íntimas: *Eu compreendo, também teria os mesmos ciúmes ou mais. (P6)*

Ainda assim, três participantes afirmaram ter conseguido manter relações bem-sucedidas com parceiros familiarizados com o meio do striptease, embora uma mencione a existência esporádica de ciúmes, mas que não encara como excessivos, e outra refira ter-se

apercebido de algum desconforto circunstancial num dos parceiros quando este assistia a algumas performances em que ela assumia uma postura mais dominante para com os clientes, mas sem qualquer reação direta ou desavença associada. Possivelmente, o êxito destes relacionamentos terá alguma relação com a própria perspetiva dos parceiros face ao striptease, uma vez que uma dessas três entrevistadas refere que o seu atual parceiro encara a profissão de striptease como um trabalho igual a todos os outros e que outra dessas mulheres relata que numa das suas relações bem-sucedidas o parceiro percecionava o striptease como uma forma de arte:

(...) olhava para o strip com uma visão muito artística, ele era um artista basicamente. Olhava para o strip com uma visão muito artística, para o corpo da mulher como uma forma de arte, a dança como forma de arte, a fluidez do movimento, os movimentos, as curvas, tudo com uma perspetiva muito artística. (P1)

4.4. Impacto da pandemia de Covid-19

O impacto da Covid-19 foi sentido sobretudo ao nível laboral, sendo que apenas uma das participantes não foi profissionalmente afetada pelas repercussões da pandemia, pois deixou de trabalhar como stripteaser três meses antes de a situação pandémica ser declarada. De modo convergente com o prejuízo na capacidade de os trabalhadores do sexo obterem recursos monetários identificado em recentes investigações sobre as consequências da pandemia (Bromfield et al., 2021; NSW, 2020), todas as restantes entrevistadas sofreram perda de rendimentos, uma vez que, devido às restrições impostas pelo Governo, os clubes de striptease em que trabalhavam foram obrigados a encerrar e, à semelhança do reportado noutras publicações (Bromfield et al., 2021; Lam, 2020), nenhuma teve acesso a qualquer tipo de apoio ou subsídio estatal, por o trabalho que desempenham não ser uma atividade profissional reconhecida. Como forma de contornar essa perda de rendimentos, cinco das profissionais procuraram empregos fora do meio, sendo que apenas três delas o conseguiram, pois as outras duas, por constrangimentos ligados ao facto de serem imigrantes (idioma e documentação necessária), não conseguiram contratação noutra área. Após a reabertura dos clubes, sete das mulheres retomaram o trabalho como stripteasers e uma decidiu, por opção pessoal, não regressar e focar-se exclusivamente na sua formação universitária. Em virtude do facto de alguns dos clubes terem retomado o funcionamento ilegalmente, antes da fase de desconfinamento que permitiria a sua reabertura, verificou-se uma quebra na quantidade de clientes, o que se repercutiu nas comissões monetárias obtidas pelas trabalhadoras. Além de

que, essa abertura antecipada as expôs aos riscos, assinalados na literatura, de potencial contacto com o vírus (Bromfield et al., 2021; Lam, 2020; NSWP, 2020) e de possíveis sanções legais por infringirem as medidas de confinamento (NSWP, 2020).

As consequências ao nível pessoal não diferem das comumente referidas pela população geral, resumindo-se aos constrangimentos na convivência social com familiares e amigos, à limitação da liberdade de circulação e à impossibilidade de viajar (sobretudo pelas participantes estrangeiras, que não puderam deslocar-se aos seus países de origem para visitar as famílias). A estratégia utilizada para superar essas restrições consistiu na concretização de atividades consideradas prazerosas pelas próprias, tais como o exercício físico, a leitura e a pintura. Ademais, duas das entrevistadas identificaram os seus parceiros românticos como importantes fontes de apoio mútuo durante os períodos de confinamento.

5. Conclusões e considerações finais

Embora a existência de estigma face ao striptease e às stripteaders seja reconhecida por todas as participantes da investigação, a maioria afirma que este não tem impacto significativo nas suas vidas, uma vez que usam estratégias para minimizar o efeito da estigmatização, como, por exemplo, a seleção criteriosa das suas redes de relações. De salientar que várias das entrevistadas se referem de modo dignificante ao trabalho que desempenham e não o percebem como motivo de vergonha, sendo mesmo caracterizado como uma forma de arte por algumas. A justificação unanimemente avançada para a existência do estigma é o desconhecimento sobre em que consiste o striptease e a confusão com a prostituição. Contudo, existe a percepção de se estar a verificar uma normalização do striptease junto da população jovem, o que poderá vir a contribuir para uma diminuição do estigma.

As participantes procuram separar a sua vida profissional da vida privada, tendo sido mencionadas três estratégias empregues para o conseguir: a criação de uma identidade/persona a assumir no meio profissional, a não revelação da profissão a determinados familiares e amigos, que percebem como demasiado conservadores e preocupados com a imagem social, e a manutenção de distanciamento dos clientes, através da recusa em transmitir-lhes informações sobre a vida privada. Por outro lado, a afirmação de uma única entrevistada de não sentir qualquer necessidade de efetuar essa separação poderá dever-se ao apoio e aceitação familiar, à sua perspetiva dignificante sobre o trabalho que executa e, presumivelmente, à própria experiência no meio.

A conceção sobre a simultaneidade do exercício de stripteaders com a permanência em relações românticas divide-se, com algumas participantes a considerarem-na incompatível pela existência de sentimentos de ciúme prejudiciais às relações por parte dos parceiros íntimos, e outras a não a encararem como inoportuna, desde que se verifiquem os requisitos de selecionar como parceiros indivíduos sem preconceitos e apoiantes face ao seu emprego e de as próprias stripteaders exercerem a profissão de acordo com regras e limites que estabelecem.

Identificaram-se duas estratégias ao nível da seleção dos parceiros íntimos, empregues com o intuito de evitar desafios inerentes à estigmatização do striptease, nomeadamente a revelação da profissão a potenciais parceiros numa fase precoce do relacionamento, de forma a efetuar uma triagem inicial que permita descartar aqueles que

reagirem adversamente, e a opção por parceiros familiarizados com o meio. Contudo, essas estratégias não são uma garantia de sucesso, visto que, mesmo aplicando-as, algumas participantes revelaram que, com o desenrolar das relações, surgiram sentimentos de ciúme e posse. O impacto negativo do striptease nos relacionamentos íntimos pode culminar em duas atitudes opostas: a decisão deliberada de permanecer sem relações românticas e, por outro lado, a opção de desistir do trabalho como striptearer ou de o executar de forma intermitente.

Quando as atitudes ciumentas e possessivas dos parceiros românticos culminaram na perpetração de violência, o striptease foi evocado como justificção para os atos violentos, que tinham como objetivo a subjugação das companheiras e a demonstração de posse e controlo sobre elas. Nenhuma das relações violentas foi denunciada às autoridades competentes, pois a procura de apoio e proteção implicaria que revelassem a sua profissão e receavam a estigmatização que daí poderia advir. A permanência nas relações abusivas pode dever-se à compreensão da perspectiva e sentimentos experienciados pelos parceiros íntimos, que é transversal ao discurso de várias das participantes, que afirmam conseguir colocar-se no papel dos seus companheiros e perceber o seu desconforto e insegurança.

Apesar de tudo, três participantes afirmam ter conseguido manter relações íntimas bem-sucedidas com parceiros familiarizados com o meio do striptease, apesar da existência esporádica de ciúmes e desconforto, que não consideraram prejudiciais à manutenção das relações. Presume-se que o sucesso desses relacionamentos esteja associado com a própria perspectiva dos parceiros íntimos face ao striptease.

O impacto da pandemia de Covid-19 na vida das participantes foi sentido sobretudo ao nível laboral, uma vez que, com o encerramento dos clubes de striptease e a ausência de subsídios e apoios estatais, se verificou uma perda dos seus rendimentos, que, nalguns casos, foi colmatada com a procura de outros empregos. Ao nível pessoal, as consequências da pandemia resumem-se aos constrangimentos na convivência social, à limitação da liberdade de circulação e à impossibilidade de viajar, restrições que foram superadas através da concretização de atividades consideradas prazerosas.

O presente estudo permitiu explorar a forma como stripteasers, enquanto executantes de uma atividade estigmatizada, gerem uma das vertentes da sua vida privada, as relações românticas, procurando a sua humanização perante a comunidade científica e a sociedade. Pretendeu-se, para tal, transmitir a visão das próprias, dando-lhes voz, ainda que sob anonimato, para que, no futuro, a não revelação das identidades das participantes seja apenas uma formalidade científica, e não uma necessidade para proteção face à estigmatização.

Apesar de os resultados não poderem ser generalizados, a realização desta dissertação possibilitou difundir a perspetiva de um conjunto de profissionais que desempenham striptease em Portugal, como incentivo à continuação do interesse em escutar os seus pontos de vista.

As principais limitações da investigação são referentes à fase de recolha de dados, nomeadamente a falta de condições sonoras em que decorreram algumas das entrevistas no clube de striptease que inviabilizou a gravação áudio, a presumível contaminação dos dados recolhidos nas entrevistas realizadas simultaneamente a duas participantes, a ausência de alguns dados de caracterização sociodemográfica de uma das participantes e o possível enviesamento dos dados resultante da posição face ao estigma das próprias participantes que poderá ter levado a que aceitassem colaborar, quando outras profissionais o recusaram. O número de entrevistas pode também ser apontado como uma limitação do estudo, uma vez que seria desejável aceder à perspetiva de mais mulheres stripteaders. Contudo, face aos constrangimentos pandémicos, apenas foi possível conseguir o contributo de nove participantes.

Considera-se que seria pertinente, futuramente, complementar os resultados obtidos com a perceção de parceiros românticos de mulheres que desempenhem striptease, de modo a averiguar se suas perspetivas sobre o striptease, as próprias atitudes e as dificuldades percebidas na gestão do striptease e da permanência em relações românticas coincidem com as apontadas pelas mulheres que executam esse trabalho. Seria igualmente interessante aplicar a mesma investigação a outras formas de relacionamento romântico, quer seja a relações heterossexuais em que o stripteaders é do género masculino e a parceira do género feminino, ou a relações entre parceiros LGBTI+.

Referências bibliográficas

- Argento, E., Muldoon, K. A., Duff, P., Simo, A., Deering, K. N., & Shannon, K. (julho de 2014). *High Prevalence and Partner Correlates of Physical and Sexual Violence by Intimate Partners among Street and Off-Street Sex Workers*. Obtido de PLOS ONE: <https://journals.plos.org/plosone/> doi:10.1371/journal.pone.0102129
- Bahri, J. (2019). Boyfriends, lovers, and “peeler pounders”: Experiences of interpersonal violence and stigma in exotic dancers’ romantic relationships. *Sexual and Relationship Therapy, 34*, 309-328. doi:10.1080/14681994.2019.1617415
- Bellhouse, C., Crebbin, S., Fairley, C. K., & Bilardi, J. E. (30 de outubro de 2015). *The Impact of Sex Work on Women’s Personal Romantic Relationships and the Mental Separation of Their Work and Personal Lives: A Mixed-Methods Study*. Obtido de PLOS ONE: <https://journals.plos.org/plosone/> doi: 10.1371/journal.pone.0141575
- Bilardi, J. E., Miller, A., Hocking, J. S., Keogh, L., Cummings, R., Chen, M. Y., . . . Fairley, C. K. (2011). The job satisfaction of female sex workers working in licensed brothels in Victoria, Australia. *The Journal of Sexual Medicine, 8*, 116-122. doi: 10.1111/j.1743-6109.2010.01967.x
- Bradley, M. S. (2007). Girlfriends, wives, and strippers: Managing stigma in exotic dancer romantic relationships. *Deviant Behavior, 28*, 379-406. doi:10.1080/01639620701233308
- Bromfield, N. F., Panichelli, M., & Capous-Desyllas, M. (2021). At the intersection of COVID-19 and sex work in the United States: A call for social work action. *Affilia: Journal of Women and Social Work, 36* (2), 140-148. doi:10.1177/0886109920985131
- Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4ª ed.). New York, NY: Oxford University Press.
- Cornish, F. (2006). Challenging the stigma of sex work in India: Material context and symbolic change. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 16*, 462-471. doi:10.1002/casp.894

- Creswell, J. W. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches* (2^a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative research design: Choosing among five approaches* (2^a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J. W., Hanson, W. E., Clark, V. L., & Morales, A. (março de 2007). Qualitative research designs: Selection and implementation. *The Counseling Psychologist*, 35(2), 236-264. doi:10.1177/0011000006287390
- Decker, M. R., Crago, A.-L., Chu, S. K., Sherman, S. G., Seshu, M. S., Buthelezi, K., . . . Beyrer, C. (10 de janeiro de 2015). Human rights violations against sex workers: Burden and effect on HIV. *The Lancet*, 385, 186-199. doi:10.1016/S0140-6736(14)60800-X
- Decker, M. R., Nail, J. E., Lim, S., Footer, K., Davis, W., & Sherman, S. G. (2017). Client and partner violence among urban female exotic dancers and intentions for seeking support and justice. *Journal of Urban Health*, 94, 637-647. doi:10.1007/s11524-017-0195-5
- Decker, M. R., Pearson, E., Illangasekare, S. L., Clark, E., & Sherman, S. G. (2013). *Violence against women in sex work and HIV risk implications differ qualitatively by perpetrator*, 13. Obtido de BMC Public Health: <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/> doi:10.1186/1471-2458-13-876
- Fick, N. (2005). *Coping with stigma, discrimination and violence: Sex workers talk about their experiences*. Cidade do Cabo, África do Sul: SWEAT.
- Forsyth, C. J., & Deshotels, T. H. (1998). A deviant process: The sojourn of the stripper. *Sociological Spectrum*, 18, 77-92. doi:10.1080/02732173.1998.9982185
- Global Network of Sex Work Projects. (2020). *COVID-19 Impact Survey – Europe*.
- Goffman, E. (1970). *Estigma: la identidad deteriorada* (1^a ed.). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (1^a ed., pp. 105–117). Thousand Oaks, CA: Sage.

- Howitt, D. (2010). *Introduction to qualitative methods in Psychology* (1^a ed.). Londres, Inglaterra: Pearson.
- Lam, E. (2020). Pandemic sex workers' resilience: COVID-19 crisis met with rapid responses by sex worker communities. *International Social Work*, 63 (8), 777-781. doi:10.1177/0020872820962202
- Maxwell, J. A. (1998). Designing a qualitative study. In L. Bickman, & D. J. Rog (Eds.), *Handbook of applied social research methods* (1^a ed., pp. 69-100). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Muldoon, K. A., Deering, K. N., Feng, C. X., Shoveller, J. A., & Shannon, K. (2015). Sexual relationship power and intimate partner violence among sex workers with non-commercial intimate partners in a Canadian setting. *AIDS Care*, 27 (4), 512-519. doi:10.1080/09540121.2014.978732
- Murphy, A. K., & Venkatesh, S. A. (2006). Vice careers: The changing contours of sex work in New York city. *Qualitative Sociology*, 29, 129-154. doi:10.1007/s11133-006-9012-2
- Murray, L., Moreno, L., Rosario, S., Ellen, J., Sweat, M., & Kerrigan, D. (2007). The role of relationship intimacy in consistent condom use among female sex workers and their regular paying partners in the Dominican Republic. *AIDS and Behavior*, 11, 463-470. doi:10.1007/s10461-006-9184-5
- Nelson, H. D., Bougatsos, C., & Blazina, I. (5 de junho de 2012). Screening women for intimate partner violence: A systematic review to update the U.S. preventive services task force recommendation. *Annals of Internal Medicine*, 156 (11), 796-282. doi:10.7326/0003-4819-156-11-201206050-00447
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico* (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Peräkylä, A., & Ruusuvuori, J. (2013). Analyzing talk and text. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials* (4^a ed., pp. 277-308). Thousand Oaks, CA: Sage.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais* (1^a ed., J. M. Marques & M. A. Mendes, Trans.). Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Ribeiro, M., & Sacramento, O. (2005). Violence against prostitutes: Findings of research in the Spanish–Portuguese frontier region. *European Journal of Women's Studies*, *12* (1), 61-81. doi:10.1177/1350506805048856
- Sanders, T. (2004). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health & Illness*, *26* (5), 557-574. doi:10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x
- Sanders, T. (julho de 2005). ‘It’s just acting’: Sex workers’ strategies for capitalizing on sexuality. *Gender, Work and Organization*, *12* (4), 319-342. doi:10.1111/j.1468-0432.2005.00276.x
- Scambler, G. (2007). Sex work stigma: Opportunist migrants in London. *Sociology*, *41* (6), 1079-1096. doi:10.1177/0038038507082316
- Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences* (3^a ed.). New York, NY: Teachers College Press.
- Sex Workers’ Rights Advocacy Network in Central and Eastern Europe and Central Asia. (novembro de 2009). *Arrest the violence: Human rights abuses against sex workers in central and eastern Europe and central Asia*. Open Society Foundations.
- Sherman, S. G., Footer, K., Illangasekare, S., Clark, E., Pearson, E., & Decker, M. R. (abril de 2015). “What makes you think you have special privileges because you're a police officer?” A qualitative exploration of police's role in the risk environment of female sex workers. *AIDS Care*, *27* (4), 473-480. doi:10.1080/09540121.2014.970504
- Shinebourne, P. (2011). Interpretative phenomenological analysis. In N. Frost (Ed.), *Qualitative research methods in psychology: Combining core approaches* (1^a ed., pp. 44-65). Maidenhead, England : Open University Press.
- Thompson, W. E., Harred, J. L., & Burks, B. E. (2003). Managing the stigma of topless dancing: A decade later. *Deviant Behavior*, *24*, 551-570. doi:10.1080/713840274
- Warr, D. J., & Pyett, P. M. (1999). Difficult relations: Sex work, love and intimacy. *Sociology of Health and Illness*, *21* (3), 290-309. doi:10.1111/1467-9566.00157

Wolffers, I., Triyoga, R. S., Basuki, E., Yudhi, D., Devillé, W., & Hargono, R. (1999).
Pacar and Tamu: Indonesian women sex workers' relationships with men. *Culture,
Health & Sexuality, 1* (1), 39-53. doi:10.1080/136910599301157

Anexos

Anexo A – Guião das entrevistas semiestruturadas

No âmbito da minha dissertação de mestrado do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alexandra Oliveira, estou a desenvolver uma investigação centrada em mulheres que fazem striptease tendo como objetivos compreender o impacto da Covid-19 nestas mulheres e no seu trabalho, bem como a forma como gerem as suas relações românticas e as relações existentes no clube.

Neste sentido, queria convidá-la a colaborar na minha investigação através de uma entrevista. Caso concorde em participar, dou-lhe a garantia de que todas as informações que me fornecer permanecerão no anonimato, não sendo revelados elementos que possam levar à sua identificação. O acesso aos dados na sua forma original será restrito à investigadora e respetiva orientadora. Além disso, todos os dados serão tratados de acordo com o Regulamento Geral da Proteção de Dados. Assim, de forma a facilitar a posterior análise dos dados, gostava de lhe solicitar autorização para efetuar registo áudio da entrevista. Queria ainda pedir-lhe que as suas respostas fossem o mais honestas e completas possível.

Se em qualquer momento decidir que quer cessar a sua colaboração ou se pretender que os dados fornecidos não sejam utilizados, tais decisões serão inteiramente respeitadas.

Tem alguma dúvida sobre as informações que lhe transmiti? Concorda em colaborar nesta investigação?

1. Para começar, gostaria de compreender qual foi o impacto que a presente pandemia de Covid-19 teve em si.

a) A pandemia afetou a sua vida pessoal? Se sim, de que forma? A que níveis?

b) E ao nível profissional, qual foi o impacto da pandemia?

i) Continuou a trabalhar?

ii) Perdeu rendimentos?

iii) Houve períodos em que esteve parada e outros em que trabalhou?

iv) Ao nível do clube, houve mudanças?

v) Deixou de trabalhar no clube durante o confinamento?

(1) Se não, sentia-se segura a trabalhar?

(2) Se sim, foi por vontade própria ou porque ele fechou?

(3) Se ele fechou, teve algum apoio económico durante esse tempo?

(4) Se ele fechou, procurou outro trabalho? Qual?

(5) Ao nível económico estas mudanças tiveram algum impacto?

c) Afetou a sua vida relacional? Se sim, de que modo?

d) E, em específico, a relação com o(s) seu(s) parceiro(s) romântico(s) foi afetada?

e) Como é que lidou com o impacto da Covid-19 nas várias áreas da sua vida?

2. Agora, gostaria que me falasse da sua profissão.

a) Caracterização e motivos

i) Pode descrever-me em que consiste o trabalho?

ii) Poderia abordar o contexto e as circunstâncias em que iniciou o desempenho de striptease?

iii) Quais os motivos que levaram ao início do striptease?

iv) Porque motivos continua a fazer este trabalho?

b) Estigma

i) Considera que existe estigma (discriminação) relativamente ao striptease e a quem o exerce?

ii) Por parte de quem existe esse estigma/discriminação? (Sociedade, clientes,...)

iii) Qual o impacto desse estigma na sua vida pessoal [quotidiano/dia-a-dia e relações pessoais]?

iv) O que é que sente face a esse estigma?

v) Como lida com o estigma sentido (estratégias)?

3. Peça que agora nos foquemos nas suas relações românticas.

a) Considera que é compatível desempenhar striptease e estar numa relação romântica? Porquê?

b) Tem ou já teve parceiros ou parceiras românticas durante o tempo em que exerce esta profissão? Se sim, pode falar-me dessas relações?

i) A(s) relação(relações) foi(foram) iniciada(s) prévia ou posteriormente ao início do desempenho de striptease?

ii) O(s) parceiro(s) tem(têm)/tinha(m) conhecimento da sua profissão?

iii) Poderia falar-me do momento em que o(s) parceiro(s) tomou(tomaram) conhecimento da sua profissão? Como é que ele(s) reagiu(reagiram)? Como é que essa reação a fez sentir?

iv) Qual é(era) a atitude (ou atitudes) do(s) seu(s) (potenciais) parceiro(s) relativamente ao facto de desempenhar striptease?

v) Acha que ele(s) compreendia(m) que pode haver uma separação entre a sua vida profissional e privada ou que considerava(m) que essa separação não é possível?

vi) Quais são/eram os comportamentos dele(s) face à sua profissão?

vii) O(s) parceiro(s) tem(têm)/tinha(m) alguma relação com a indústria do striptease [como profissionais ou antigo(s) cliente(s)]?

4. Quais são os desafios e dificuldades na gestão entre as exigências da sua profissão e as expectativas do(s) (potenciais) parceiro(s)?

5. Sente necessidade de separar a sua profissão da sua vida privada? Se sim, que estratégias utiliza para fazer essa separação?

6. Gostaria que abordássemos, agora, o tema da violência. Alguma vez sofreu de violência por parte de um (ou mais) parceiro romântico?

6.1 A violência ocorreu em episódios isolados ou de forma continuada?

6.2 Que tipo de violência [física, emocional, sexual, financeira, social, perseguição] sofreu?

6.3 Acha que existe alguma relação entre o facto de desempenhar striptease e essa violência? O(s) parceiro(s) evocaram a sua profissão como razão ou desculpa para a violência?

6.4 Pode dizer-me se permaneceu ou não nessa(s) na(s) relação (relações) em que ocorreu a violência e falar sobre essa decisão?

6.5 Aquando dessa(s) situação (situações) de violência procurou algum tipo de apoio e proteção? Se sim, o que considera sobre os meios de apoio e proteção que lhe foram disponibilizados?

7. Nas suas atividades enquanto stripteaser, está a desempenhar um papel ou uma personagem?

7.1 Já sentiu necessidade de fingir, enquanto stripteaser, que estava feliz num momento em que não estava? Porquê?

7.2 Sente ou já sentiu necessidade de fingir, por exemplo, que acha um cliente interessante? Porquê?

7.3 Costuma fingir ser quem não é de modo a satisfazer as fantasias dos clientes? (Por exemplo, se ele gosta de alguém que fale de uma certa forma você adota essa forma de falar?) Com que objetivo?

7.4 Acredita que fingir esses sentimentos ou fingir que é de uma forma que na realidade não é, tem consequências negativas para si? (Pedir exemplos)

8. Como é a sua relação com os clientes?

8.1 Como é a sua relação com o gerente? E com os restantes funcionários do clube?

8.2 Quem determina o que você tem de fazer, quando tem de fazer e como tem de fazer? É você, ou seja, tem essa autonomia e pode definir limites, proteções, ...? Ou a partir do momento em que começa a trabalhar tem de fazer tudo o que o gerente ou o cliente dizem que tem de fazer, mesmo que não se sinta à vontade com isso?

- Se você não quiser atuar num dia, mesmo que o cliente queira uma dança sua, pode não o fazer?
- O toque dos clientes é permitido no clube? Se é permitido, você pode escolher que um cliente não lhe toque ou é obrigada a deixar? Se não é permitido, e se algum tentar fazê-lo há penalizações para ele ou para si?
- O que faz quando um cliente tenta fazer algo que você não quer, mas que é permitido no clube? Utiliza alguma estratégia mais sutil tentando fazer com que ele não se aperceba que você não o está a deixar fazer algo ou diz-lhe logo que não quer que ele faça aquilo? Se já esteve nessa situação e se disse que não queria, qual foi a reação do cliente e qual foi a reação do gerente (se ele teve conhecimento)?
- Já aconteceu algum cliente conseguir convencer o gerente a deixá-lo fazer algo que, supostamente, não é permitido no clube e que você não queria? Se sim, você permitiu que ele o fizesse ou não? Se não permitiu, teve alguma consequência negativa?

8.3 Quem é que você acha que tem mais poder dentro do clube? (Quem é que “manda”? Gerente, clientes, stripteasers)

8.4 Faz alguma coisa para aumentar o seu controlo nas interações com os clientes?

O quê?

9. Considera o valor que ganha justo ou injusto?

10. Já teve outras profissões? Se teve, considera que tinha maior ou menor controlo do seu comportamento e das suas decisões nessa profissão em comparação com o que tem enquanto stripteaser?

11. Voltando ao tema da violência, já sofreu ou assistiu a algum episódio de violência no clube? Se sim, de que tipo e por parte de quem? Como geriram essa situação?

Queria fazer-lhe apenas mais umas questões relativas a alguns dados sociodemográficos relevantes para a investigação, para que eu possa fazer uma

caracterização geral das pessoas que entrevistei, tais como a sua idade, nacionalidade, orientação sexual, escolaridade e há quanto tempo desempenha striptease.

Antes de darmos por concluída a entrevista, há algo que queira acrescentar ou algum tema que gostasse de aprofundar? Alguma questão ou comentário acerca da entrevista?

Por fim, gostaria, então, de lhe agradecer, a sua participação é de uma enorme importância para esta investigação. Se quiser, posso disponibilizar o meu endereço de email para que me possa contactar caso lhe surja alguma questão. Estaria interessada em saber os resultados da investigação? Se sim, por que meio de contacto lhos posso enviar?

Anexo B – Tabela contendo a totalidade dos temas identificados nas entrevistas

<p>Tema superordenado A Estigma: (...) a realidade é que a maior parte das pessoas olha com bastante preconceito para o strip (...) (P1)</p>	<p>(a) Justificações para a existência do estigma: (...) por uma razão muito simples, porque a maior parte das pessoas não faz a mínima ideia do que é que se passa e o que é que é trabalhar num bar de strip (...) (P2)</p> <p>(b) Perceção da própria face ao striptease: Dançar é uma forma de arte, não é só mostrar-me, é arte. (P5)</p> <p>(c) Normalização do striptease: Tipo nós estamos numa altura em que cada vez é mais comum ver gente nua e cada vez é mais comum fazer lucro com o corpo, estamos na geração dos Onlyfans (...) (P2)</p>
<p>Tema superordenado B Separação da Vida Profissional e Privada: (...) eu sempre separei a minha vida profissional da privada (...) (P1)</p>	<p>(a) Criação de uma identidade/persona: Tenho um nome fictício. Sou uma pessoa completamente diferente. Nem sequer uso esta maquilhagem toda na minha vida privada, nunca usaria este batom rosa. (P6)</p> <p>(b) Desconhecimento da profissão por familiares e amigos: (...) eu venho de uma família que no geral é bastante conservadora e, então, a maior parte dos membros da minha família não chegaram a saber que eu trabalhei no meio, precisamente porque já sabia que a reacção ia ser adversa. (P1)</p> <p>(c) Distanciamento dos clientes: Não falo sobre a minha vida com os clientes, não me encontro com eles fora do clube, não dou os meus contactos. (P6)</p>
<p>Tema superordenado C Striptease e Relações Românticas: Não é compatível estar numa relação e fazer striptease. (P8)</p>	<p>(a) Revelação da profissão numa fase precoce da relação romântica: Eu conto logo e a pessoa aceita ou não. Quando vejo que gosto dele, conto o que faço. Não costuma haver más reacções, se não também não fico com eles. (P6)</p> <p>(b) Relacionamento com indivíduos familiarizados com o meio do striptease: (...) como era uma pessoa que também estava habituado ao meio em si e não tinha qualquer tipo de preconceito, foi compatível, foi bastante compatível sim. (P1)</p> <p>(c) Atitudes dos parceiros românticos face ao striptease: No início até pode funcionar, mas depois quando se vão criando sentimentos, os ciúmes começam a crescer e no início ele diz que não há problema, mas depois já começa a haver e deixa de tolerar a profissão. (P8)</p>

(d) Violência perpetrada por parceiros românticos: *Já sofri de violência doméstica por causa de fazer striptease. Desde que sabiam a minha profissão tratavam-me de forma diferente, faziam violência emocional porque acreditavam que uma espécie de pagamento por estar com outros homens era fazer tudo o que eles queriam pois pertencia-lhes. Cheguei mesmo a sofrer de violência física. Eles não sabiam lidar com o facto de me despir para outros homens, não aceitavam e queriam controlar.* (P8)

(e) Compreensão da perspectiva e sentimentos experienciados pelos parceiros românticos: (...) *eu compreendo que seja complicado para a outra pessoa, eu compreendo que para muita gente é complicado lidar com o facto de a tua namorada estar à noite a trabalhar no clube, eu compreendo que seja complicado* (...) (P2)

Tema superordenado D
Impacto da Pandemia de
Covid-19: (...) *claro que
afetou. Não é? Muita
coisa mudou.* (P3)

(a) Nível profissional: *E o Covid foi um grande impacto porque os clubes todos fecharam durante um certo período de tempo, então eu fiquei sem emprego.* (P1)

(b) Nível pessoal: *A nível de convivência social com os meus amigos, também há bastante tempo que não estou com certas pessoas e, então, também é difícil.* (P1)
